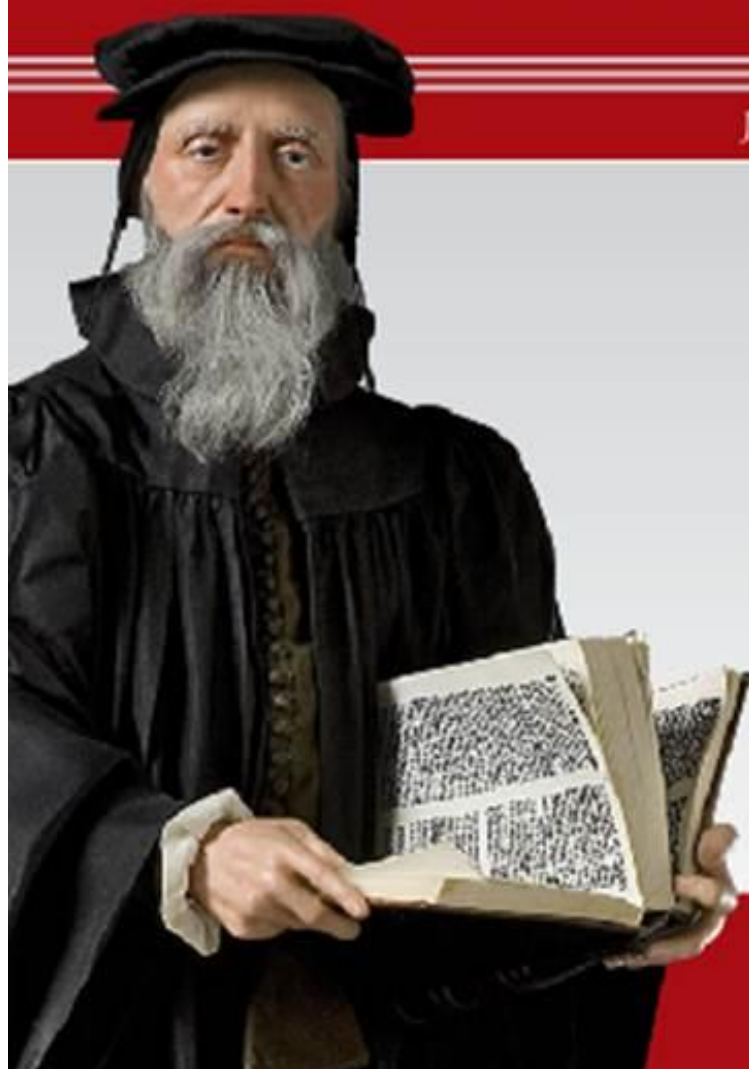


# Calvinismo Recalcitrante

JOÃO FLÁVIO MARTINEZ  
organizador



  
Martinez Editora

# Calvinismo Recalcitrante

## ÍNDICE

### INTRODUÇÃO

#### PANORAMA GERAL DO CALVINISMO

- O que é calvinismo?
  - Algumas definições e conceito
- Quem foi João Calvino

#### O FATALISMO CONDENÁVEL

- O fatalismo e a fé estoica de Agostinho
- Algumas considerações fatalistas de Calvino
- Conclusão

#### O QUE É A TULIP?

- Os 5 pontos da soteriologia calvinista
- Refutando a TULIP
  - A Queda Fez do Homem um autômato sem livre-arbítrio?
  - Deus predestina pessoas ao inferno de maneira incondicional?
  - Jesus morreu apenas pelos eleitos, ou por toda a humanidade?
  - Todos aqueles por quem Cristo morreu devem ser salvos?
  - A Bíblia fala ou não que o crente pode perder a salvação?

#### REFUTANDO ALGUMAS IDEIAS ESTRANHAS

- Deus é o autor do mal?
- Deus é autor do pecado?
- Jesus é o arcanjo Miguel?
- Maria sempre foi virgem?
- Sinergismo é semipelagianismo?
- Deus pode deixar-se limitar?
- Os camelos engolidos por Calvino

#### CONCLUSÃO

#### APÊNDICES:

- Romanos 9
- A Bíblia e o livre arbítrio

#### GLOSSÁRIO

## INTRODUÇÃO

Alguém me questionou: *“Pra que se envolver na controvérsia histórica do calvinismo? Deixe isso pra lá!”*. Minha resposta foi: *“Por que não se envolver?”*. Não é apenas uma dissensão entre protestantes, pelo menos não para os calvinistas. Para eles, é tema de salvação e perdição, de verdade e mentira, de certo e errado.

Então, resolvi estudar a questão a fundo, depois de 24 anos sistemáticos de estudos da bíblia. Enquanto escrevo esta introdução, completa-se, exatamente, um ano que estou analisando exaustivamente a temática. Li *“As Institutas”* e outros onze livros de comentários bíblicos escritos por João Calvino. Também pesquisei muitos outros de Teologia Sistemática e História da Igreja, além do conhecimento que agrego devido a minha formação - sou bacharel em história e geografia. Nossa biblioteca tem mais de seis mil livros e muitos dos compêndios teológicos são escritos por calvinistas célebres como Berkof, Hodge e Spurgeon, além do mais famoso em apologética calvinista, do autor Turretini. Digo isso apenas para explicar que sei bem do que estou discordando.

Recentemente tenho observado o recrudescimento e o endurecimento do calvinismo e, devido a isso, concluímos que o melhor nome para o livro seria *“Calvinismo Recalcitrante”*.

Os neocalvinistas como: Piper, Sproul, Macarthur, Hernandes, Nicodemus, entre outros têm dado uma exterioridade mais apresentável ao calvinismo e, com mais audácia, exibido o que eles chamam, com singularidade, de *“Fé Reformada”* e *“verdadeiro evangelho”* (e nem estou discutindo aqui o quanto todos eles têm feito de positivo ao evangelho, mas talvez não estejam observando a reverberação negativa da exaltação do calvinismo em hipercalvinismo). Bem, o problema é que os seguidores desse neocalvinismo estão sistematicamente atacando os discordantes de maneira direta e contumaz. Costumam definir os demais protestantes como: *“não ortodoxos”*, *“pelagianos”*, *“semipelagianos”*, *“heréticos”* e qualquer dissidente do sistema como *“não bíblico”*. Quando Roger Olson resolveu debater a questão, discordar e vir a público, pronto, mais jactância fluiu da ferida. Agora, sites e mais sites, redes sociais, além de livros vêm a público mostrando, como disse Dave Hunt, o lado B do calvinismo de maneira explícita e assustadora. Eles afirmam publicamente coisas tais como: *“Deus odeia mesmo os pecadores”*; *“Deus destinou mesmo os não eleitos a irem pro inferno, mesmo antes de nascerem ou pecarem”*; *“A dupla predestinação é para o beneplácito de Deus”*; *“O inferno é para o gozo de Deus”*; *“Deus determinou a queda de Adão e fez o mal, além de decretar todas as calamidades e violências da terra”*; *“Os crimes, estupros, sacrilégios e banditismos são tudo porque Deus planejou, foi Ele quem destinou essas coisas para acontecerem”*; *“Ou tudo que acontece é Deus quem quis, ou Ele não é soberano”*; *“Calvino matou e tinha que matar mesmo os hereges”*.

Outro indivíduo, no facebook, me ameaçou de morte dizendo: *“Você merecia morrer queimado na fogueira, pois herege tem que morrer mesmo”*, depois ele falou que era brincadeira (...). Bem, isso tudo é sério!

Claro, os mais esclarecidos iriam rebuscar a semântica e parolar algo mais suave, mas a conclusão seria a mesma. Entretanto, os neocalvinistas de segunda classe vêm a público e não se preocupam com quem está ouvindo isso ou como isso pode ser entendido ou encarado. Diante do fato, penso que alguém precisa resguardar a dignidade cristã para que não sejamos jogados na vala comum como outros movimentos fatalistas e antissociais do tipo - Islamismo e Hinduísmo.

O meu escopo é apenas uma análise bibliográfica citando autores que fizeram uma pesquisa muito acurada do tema – autores como: Roger Olson, Dave Hunt, Laurence Vance, Carl B. Gibbs, Norman Geisler, William Lane Craig, Ciro Sanches, Severino Silva, Orton Wiley, entre outros.

Se o leitor quiser fazer uma análise a contento, recomendo a seguinte leitura:

- “O Outro Lado do Calvinismo” - Vance;
- “Teologia Arminiana” – “Contra o Calvinismo” – “História da Teologia Cristã” – Olson;
- “Eleitos, Mas Livres” – “Teologia Sistemática, Vol. 1 e 2” – “Enciclopédia de Apologética” – Norman Geisler;
- “Que Amor é Este?” – “O Dia do Juízo” – Dave Hunt;
- “A Excelência da Nova Aliança em Cristo” – Orton Wiley
- “A Doutrina da Salvação” - Gibbs;
- “A Gênese da Predestinação” – Thiago Titilo;
- “Em Guarda” – W. Craig;
- “A Doutrina da Predestinação”, Severino Silva;
- “Comentário Bíblico Moody”.

Aqui, procuro defender uma soteriologia que é encontrada anterior ao bispo de Hipona, Santo Agostinho. Por exemplo, o Sínodo de Arles (353 d.C.) defendia, como ortodoxo, os seguintes pontos:

- 1) O livre-arbítrio permanente após a queda, embora enfraquecido;
- 2) A morte de Cristo tem o propósito de salvar todos os homens (só teria efeito nos que crerem);
- 3) A presciência divina não interfere na vontade humana;
- 4) Aqueles que se perdem, não se perdem por vontade de Deus;
- 5) O fiel pode se perder, caso não persevere em santidade;
- 6) Deus deseja a salvação de todos os homens.

Esta singela literatura tem por objetivo trazer ao público cristão uma visão mais dialética, ou seja, mostrar todos os lados da questão envolvendo a temática (já que grande parte da literatura evangélica brasileira é composta por autores calvinistas). Procuro ainda deixar claro que quem discorda do calvinismo não é herege ou anticristão.

Saiba que há vida além do calvinismo e existe boa teologia fora desta escola de interpretação. Você não é um herege por acreditar que as pessoas devem aceitar Jesus em resposta à sua Graça. Você não é antibíblico por acreditar que a morte de Jesus é uma real possibilidade de salvação aos que creem. Não há problema algum exercermos nosso livre arbítrio diante das decisões que a vida nos apresenta. É acertado alertar as pessoas do perigo real da apostasia. Quanto aos calvinistas moderados, continuem levando o evangelho a todas as pessoas e não se foquem em expor ideias estranhas, mas fiquem firmes na simplicidade do evangelho.

Recomendo ao leitor não se assustar com tantos termos teológicos. Pra facilitar o entendimento, sugiro que comece a ler o glossário primeiro e, depois, os demais tópicos da obra.

Boa leitura a todos!

## PANORAMA GERAL DO CALVINISMO

- O que é Calvinismo?

Mas o que é calvinismo? Quem é o criador deste sistema doutrinário controverso?

Não pretendemos, aqui, explicitar tudo sobre o calvinismo, pois não é a nossa proposta neste momento, (expor toda a doutrina seria impossível, pois o Calvinismo vai muito além dos cinco pontos Soteriológicos) mas apenas mostrar sucintamente o que significa e quais seus pontos centrais.

Sobre a vida pública de Calvino, revelaremos como foi o processo de sua participação no governo de Genebra, como ele, ali, agiu diante dos fatos [e problemas de ordem política e religiosa] e se tais procedimentos foram cristocêntricos. Mostraremos também que entender o caráter deste personagem é relevante para termos uma noção da sua doutrina e epistemologia. Neste trabalho, usamos informações gerais de fontes não religiosas e de autores polemistas evangélicos que se debruçaram sobre a temática na tentativa de aguçar uma cosmovisão mais equilibrada.

- Algumas definições e conceito

Separamos algumas descrições sobre o calvinismo. A primeira foi extraída da Enciclopédia Wikipédia que nos diz:

“O Calvinismo é tanto um movimento religioso protestante quanto uma ideologia sociocultural com raízes na Reforma iniciada por João Calvino em Genebra no século XVI [...]. O sistema costuma ser sumarizado através dos Cinco pontos do calvinismo, elaborados como uma resposta ao Arminianismo [...]. O Calvinismo também defende uma Teologia Aliancista e os Sacramentos como meio de graça, Ceia e Batismo, incluindo o Batismo infantil. Calvino na sua principal obra, as Institutas, diz: ‘Eis aqui por que Satanás se esforça tanto em privar nossas criaturas dos benefícios do batismo; Sua finalidade é que se esquecermos de testificar que o Senhor tem ordenado para confirmar as graças que ele quer nos conceder pouco a pouco vamos nos esquecendo das promessas que nos fez a respeito disto. De onde não só nasceria uma ímpia ingratidão para com a misericórdia de Deus, mas também a negligência de ensinarmos nossos filhos no temor do Senhor, e na disciplina da Lei e no conhecimento do Evangelho. Porque não é pequeno estímulo sabermos que educá-los na verdadeira piedade e obediência a Deus. E saber que desde seu nascimento foram recebidos no Senhor e em seu povo, fazendo-os membros de sua igreja’.”

(Em: <<http://pt.wikipedia.org/wiki/Calvinismo>>. Acesso em 25 maio 2014).

O site *Brasil Escola* articula o seguinte:

“Ocorrido como um desdobramento da Reforma Luterana, o movimento Calvinista foi uma das principais religiões surgidas durante a Reforma Protestante. A Suíça, criada após sua separação do Império Romano-

Germânico, em 1499, teve contato com as ideias de Martinho Lutero através da pregação feita pelo padre Ulrich Zwinglio [...]. Ao propagandear as doutrinas luteranas pela Suíça, Zwinglio desencadeou uma série de revoltas civis que questionavam as bases do poder vigente. A prática do zwinglianismo preparou terreno para a doutrina que seria mais tarde criada pelo francês João Calvino. Perseguido em sua terra natal, João Calvino refugiou-se na Suíça com o intuito de disseminar outra compreensão sobre as questões de fé levantadas por Martinho Lutero.” (Em: <<http://www.brasilecola.com>> Acesso em 26 maio 2014).

Já o site *calvinismo.com* dá uma visão mais singular do que é o calvinismo e vai direto ao assunto:

“CALVINISMO é uma palavra usada para referir-se a tese de que a salvação é um ato exclusivo da GRAÇA de Deus oposta ao sinergismo. Ao contrário do Sinergismo, que defende a tese de que a salvação é baseada no Livre-Arbítrio do homem, o MONERGISMO afirma que o homem não possui "Livre-Arbítrio" e que Deus elegeu uns desde antes da fundação do mundo para a salvação eterna e preteriu outros, que certamente não herdarão a vida eterna. Assim, o CALVINISMO sustenta o seguinte esquema: 1) Depravação Total do Gênero Humano; 2) Eleição Incondicional; 3) Expição Limitada; 4) Graça Eficaz e irresistível e 5) Perseverança dos Santos. ESTE ESQUEMA É TAMBÉM CHAMADO DE: TULIP.” (Em: <<http://calvinismo.com>>. Acesso em 26 maio 2014).

Laurence Vance, em seu livro “O Outro Lado do Calvinismo”, comenta o seguinte:

“João Calvino não foi o criador desse sistema teológico conhecido como Calvinismo [...]. As doutrinas do Calvinismo são habitualmente definidas e discutidas como os Cinco Pontos do Calvinismo. Estes cinco pontos são a soma e a substância do sistema calvinista: a marca distintiva que separa os calvinistas de todos os demais cristãos [...]. Os Cinco Pontos do Calvinismo geralmente são apresentados sob o acrônimo TULIP [...]. O acrônimo TULIP representa o seguinte: Depravação Total (Total Depravity), Eleição Incondicional (Unconditional Election), Expição Limitada (Limited Atonement), Graça Irresistível (Irresistible Grace) e Perseverança dos Santos (Perseverance of the Saints). A Depravação Total é o ensino que o homem não-regenerado está totalmente morto no pecado até ao ponto de ter a incapacidade para livremente aceitar Jesus Cristo [negação do livre-arbítrio]. A Eleição Incondicional é o ensino que Deus, por um decreto soberano e eterno, escolheu um certo número de homens para salvação [e o resto para a condenação]. A Expição Limitada é o ensino que Jesus Cristo, por sua morte na cruz, somente fez expiação pelo grupo de homens previamente eleitos para salvação [Deus não amou o mundo todo, negando Jo 3.16]. A Graça Irresistível é o ensino que Deus irresistivelmente conquista a vontade do pecador eleito com sua graça e o regenera, concedendo-lhe fé e arrependimento para crer em Jesus Cristo [O homem não é tocado pelo amor de Deus, mas recebe salvação pela imposição divina]. A Perseverança dos Santos é o ensino que todos os eleitos que foram regenerados por Deus irão perseverar na fé e eventualmente morrerão

em estado de graça [aqui o livre-arbítrio também é negado do modo inverso].” (O Outro Lado do Calvinismo, L. VANCE, p. 81)

O site calvinista *cinco solas* afirma que:

“O calvinismo é uma maneira de ver o mundo... Hoje tem grande rejeição no meio evangélico, mas foi a posição preponderante entre os reformadores [...]. É difícil falar do calvinismo como um todo, pois ele é melhor compreendido quando analisado em seus diversos aspectos.” (Em: <<http://cincosolas.blogspot.com.br>>. Acesso em 28 maio 2014).

Em outro site também verificamos:

“No entanto, "calvinismo" e "calvinista" são termos úteis hoje em dia. Eles são amplamente conhecidos, apesar de serem, em parte, através do ataque e censura contra o calvinismo por seus inimigos. Além disso, o nome "calvinista" é abraçado por pessoas e igrejas que não são reformadas ou presbiterianas, mas que confessam os princípios do calvinismo, os quais são chamados 'As Doutrinas da Graça.' O 'calvinismo' passou a defender certas doutrinas, um certo sistema de verdade. Nós não temos nenhuma objeção em chamar essas doutrinas 'calvinismo' desde que duas coisas sejam claramente compreendidas [...].” (Em: <<http://www.cprf.co.uk/>>. Acesso em 30 maio 2014).

Até o batista Charles Spurgeon (1834-1892) declarou: “É um apelido chamá-lo Calvinismo; o Calvinismo é o Evangelho, e nada mais”. (SPURGEON, Charles H., *Spurgeon's Sovereign Grace Sermons* - Edmonton: Still Waters Revival Books, 1990, p. 129).

Entretanto, esse exclusivismo arvorado pelo calvinismo tem despertado clamores contrários desde a época de Erasmo de Roterdã (anacronicamente falando), passando por Jacó Armínio e J. Wesley, até chegar aos nossos dias.

Muitos evangélicos, não calvinistas, não aceitam a ufanía teológica desta tese doutrinária. Atualmente, em nível mundial, uma das vozes mais ouvidas é a do Escritor Roger Olson. Diante dos fatos, ele escreve:

“[...] Ultimamente, entretanto, tem havido problemas debaixo da tenda do reavivamento. Algumas pessoas estão tentando convencer os organizadores e patrocinadores do reavivamento e também os recém-chegados de que sua teologia particular é essencial e não 'não-essencial'. Eles são muito cuidadosos na escolha das palavras; a rigor eles evitam classificar como 'heresia' outras opiniões como o Arminianismo [...]. Mas sua retórica é uma retórica de exclusão: 'o Arminianismo está profundamente equivocado' (entenda-se por Arminianismo qualquer doutrina quem seja contrário ao calvinismo) e 'o Arminianismo está no precipício da heresia' [...] etc., etc. É hora dos líderes do evangelicalismo se levantarem e dizerem não àqueles calvinistas evangélicos que estão causando confusão no acampamento evangélico ao grosseiramente deturpar as crenças de outros evangélicos e implicando, se não afirmando, que sua teologia é a única teologia evangélica autêntica'.” (Em: <<http://arminianismo.com/>>. Acesso em 30 maio 2014)

Dave Hunt, um dos mais renomados apologistas mundiais, falecido em 2013, era uma das vozes que combatia o fanatismo calvinista e sua jactância. Ele discordava de que para ser protestante alguém precisasse ser calvinista - dizia:

“Houvera variações e diferenças entre várias facções quando a Reforma brotava, de Lutero a Zwinglio. Mas em Genebra, somente o calvinismo seria conhecido como ‘A Reforma’ e ‘Teologia Reformada’. Essa reivindicação presunçosa ainda é defendida pelos calvinistas de hoje em todo mundo.”  
(Em: <http://www.institutogamaliel.com/portaldateologia/o-lado-b-do-calvinismo-em-genebra/teologia>. Acesso em 15 maio de 2014)

O autor Calvinista Edwin H. Palmer dá uma opinião estranha sobre a sua própria doutrina. Ele diz o seguinte:

“Contra essas visões humanistas, o Calvinista aceita ambos lados da antinomia. Ele percebe que o que ele defende é ridículo. É simplesmente impossível para o homem harmonizar esses dois conjuntos de dados. Dizer, por um lado, que Deus tornou certo tudo o que acontece e ainda dizer que o homem é responsável por aquilo que ele faz? Absurdo! Deve ser uma ou outra coisa, mas não ambas. Dizer que Deus preordenou o pecado de Judas e ainda Judas é o culpado? Insensatez! Logicamente o autor de O Ladrão Predestinado estava certo. Deus não pode preordenar o roubo e então culpar o ladrão. E o Calvinista admite francamente que essa posição é ilógica, ridícula, sem sentido e tola [...] O Calvinista mantém as duas posições, aparentemente contraditórias.” (Em: <http://www.arminianismo.com>. Acesso em 17 maio de 2014)

- Quem foi João Calvino

O site da Faculdade Mackenzie dá a seguinte minibiografia de Calvino:

“Calvino nasceu em Noyon, nordeste da França, no dia 10 de julho 1509. Seu pai, Gérard Cauvin, era advogado dos religiosos e secretário do bispo local [...]. Em 1523, Calvino foi residir em Paris, onde estudou latim e humanidades no Collège de la Marche e teologia no Collège de Montaigu. Em 1528, iniciou seus estudos jurídicos, primeiro em Orléans e depois em Bourges, onde também estudou grego com o erudito luterano Melchior Wolmar [...]. Converteu-se à fé evangélica em 1533 [...]. No mês de março (1536) foi publicada em Basileia a primeira edição da Instituição da Religião Cristã (ou Institutas), introduzida por uma carta ao rei Francisco I [...]. Por causa de seu esforço em fazer da dissoluta Genebra uma cidade cristã, durante catorze anos (1541-55) Calvino travou grandes lutas com as autoridades e algumas famílias influentes (os ‘libertinos’). Em 1555 os partidários de Calvino finalmente derrotaram os ‘libertinos’. Os conselhos municipais passaram a ser constituídos de homens que o apoiavam. Embora não tenha ocupado nenhum cargo governamental, Calvino exerceu enorme influência sobre a comunidade, não somente no aspecto moral e eclesiástico, mas em



outras áreas [...]. João Calvino faleceu com quase 55 anos em 27 de maio de 1564.” (Em: <<http://www.mackenzie.com.br>>. Acesso em 30 maio 2014).

Burns, o renomado escritor de *História da Civilização Ocidental*, descreve nosso personagem como um dos mais sombrios da história:

“Até sua morte, em 1654, Calvino governou a cidade com mão-de-ferro. São poucos na história os exemplos de homens de índole mais sombria e mais teimosamente convencidos da verdade de suas ideias. Sob seu governo, Genebra transformou-se numa oligarquia religiosa [...]. Nos quatro primeiros anos depois que Calvino passou a governar Genebra, houve nada menos que 58 execuções (religiosas), numa população total de 16 mil habitantes.” (BURNS, Edward. *História da Civilização Ocidental*. 9 ed., Globo, pg. 389).

O site *História Livre* acrescenta que:

“Calvino, apesar de ter mantido quase todos os princípios formulados por Martinho Lutero, desenvolveu uma teologia própria, mas que tinha uma diferença muito importante: a Doutrina da Predestinação. Nesta doutrina, influenciada na crença grega do destino, Calvino afirmava que Deus, o único com conhecimento sobre o futuro, já sabia, desde sempre, quem eram as pessoas que seriam salvas por Ele, assim, como já sabiam quem não seria [...]. De acordo com Calvino, a fé não era o caminho para a salvação, para ele, a fé era o sinal de que o fiel estava predestinado à salvação. Com isso, o calvinismo se afastava daquilo que Lutero havia defendido, ou seja, que a salvação somente era alcançada por meio da fé em Jesus Cristo [...]. Mesmo contrariando a Lutero, a Doutrina da Predestinação se tornou muito popular na Suíça. Mas quando as ideias de Calvino chegaram às pessoas comuns, uma dúvida foi gerada: *Como posso saber se sou ou não salvo?* A resposta de Calvino era bastante simples. Segundo ele, a garantia de que alguém havia sido predestinado por Deus à salvação estava em seu sucesso pessoal, ou seja, uma pessoa próspera e bem sucedida (profissão, saúde, família, etc.) demonstrava o favor de Deus para com ela. Portanto, o próspero tinha a garantia de sua salvação, pois onde a planta de seus pés pisasse iria prosperar. Mas, o contrário também era verdadeiro. Pois, aquele que não prosperasse dava demonstrações de que não estava predestinado à salvação [...]. Mas ao contrário de outras vertentes protestantes, o calvinismo não se desenvolveu em uma igreja específica, mas como doutrina que seria aceita em algumas igrejas protestantes já existentes. Assim, a doutrina calvinista obteve uma grande aceitação na Suíça (onde surgiu), de lá se espalhando por toda a Europa, especialmente, na Escócia, na Inglaterra, na Holanda e na França.” (Em: <<http://www.historialivre.com>>. Acesso em 30 maio 2014)

Já o site *História Crítica* é mais ácido com o líder de Genebra:

“João Calvino tentou transformar Genebra num Estado de fé calvinista. Queria criar uma teocracia. Assim, estabeleceu leis que são dirigidas por

suas doutrinas religiosas, abre escolas, estimula o comércio exterior, proíbe jogos de azar, alcoolismo, danças e outros. Perseguiu seus opositores e defendia a pena de morte aos hereges. Mandou queimar Miguel Serveto, que era um médico contrário as suas doutrinas. Jacques Gruet foi decapitado, acusado de blasfêmia. Kurtz afirmou que Calvino fez muitas vítimas. Entre os anos de 1542 e 1546 havia em Genebra (aproximadamente) vinte mil pessoas apenas. Dessas, cinquenta e sete foram executadas, sessenta e seis banidas e um número incalculável de encarceramentos. Todos esses casos foram por motivos religiosos.” (Em: <<http://www.bloghistoriacritica.blogspot.com.br/>>. Acesso em 30 maio 2014, parênteses do autor).

O site *Cristianismo Wiki* faz uma observação muito relevante sobre os conhecimentos de João Calvino antes da sua conversão. A informação é bastante notável na cosmovisão cognitiva dele, principalmente, quando levamos em consideração a sua doutrina da predestinação fatalista, que tudo aponta ter sua gênese no Estoicismo pagão:

“Aos 23 anos Calvino era já um famoso humanista, seguindo os passos de Erasmo de Roterdã, que também escreveu sobre Sêneca nestes anos. Em ‘De Clementia’ não há da parte de Calvino uma alusão explicitamente religiosa. É antes uma obra que reflete o estoicismo de Sêneca e a predestinação no sentido estoico. Sêneca escrevera o texto como forma de apelar Nero à moderação e à razão [...]”

(Em: <<http://www.cristianismo.wikia.com>>. Acesso em 30 maio 2014; grifo do autor).

Dave Hunt também faz algumas gravíssimas denúncias contra Calvino em seu artigo “O LADO B DO CALVINISMO”. Veja o que ele escreve sobre a atuação do líder de Genebra:

“Talvez Calvino pensasse que ele era o instrumento de Deus para forçar a Graça Irresistível (uma doutrina chave no calvinismo) sobre os cidadãos de Genebra, na Suíça –mesmo sobre aqueles que provaram sua indignidade, resistindo à morte. Ele fez o seu melhor para impor a ‘justiça’ irresistivelmente, mas o que ele impôs e a maneira com que ele impôs estavam longe da graça e dos ensinamentos e exemplos de Cristo [...]. Censura de imprensa foi usada e ampliada sobre os Católicos e precedentes seculares: livros [...] com tendências imorais foram banidos [...], falar desrespeitosamente de Calvino ou do clero era crime. A primeira violação dessas ordens era punida com uma advertência, violações posteriores com multas, persistir na violação com prisão ou banimento da cidade. Fornicação era punida com o exílio ou afogamento; adultério, blasfêmia ou idolatria com a morte [...]; uma criança foi decapitada por agredir seus pais. Nos anos de 1558-1559 houve 414 processos por ofensas morais; entre 1542 e 1564 houve 76 banimentos e 58 execuções; a população de Genebra era na época de 20.000 pessoas [...]. A opressão de Genebra não teria vindo sob a direção do Espírito Santo ([...] onde o Espírito do Senhor está, há liberdade’ [2 Coríntios 3.17]), mas sim da poderosa personalidade de Calvino e uma visão extrema da Soberania de Deus que negou o livre-arbítrio ao homem. Assim a ‘graça’ tinha que ser imposta irresistivelmente em uma tentativa não-bíblica de infligir uma ‘santidade’ sobre os cidadãos de Genebra. Em contraste à humildade, misericórdia, amor, compaixão, e

longanimidade de Cristo, a quem ele amou e tentou servir, Calvino exerceu autoridade como o papado que ele desprezou [...]. Os defensores de Calvino negam os fatos e tentam inocentá-lo do que ele fez, responsabilizando as autoridades civis. Boettner (famoso escritor calvinista) até mesmo insiste que 'Calvino foi o primeiro dos Reformadores a exigir uma separação completa entre a Igreja e o Estado'. De fato, Calvino não somente estabeleceu a lei eclesiástica, mas ele codificou a legislação civil. Ele manteve as autoridades civis para 'promover e manter o culto externo a Deus, defender a sã doutrina e a condição da igreja' e ver que 'nenhuma idolatria, nem blasfêmia contra o nome de Deus, nem calúnias contra a sua verdade, nem outras ofensas à religião surgisse e fosse disseminada entre o povo [mas] impedir a verdadeira religião de ser violada impunemente e abertamente e poluída pela blasfêmia pública'. Calvino utilizou a força civil para impor suas doutrinas particulares sobre os cidadãos de Genebra e os forçar. Zweig, que se debruçou sobre os relatos oficiais do Conselho da Cidade para o dia de Calvino, nos diz: dificilmente haverá um dia, nos relatos das definições do Conselho da Cidade, em que nós não encontramos o comentário 'é melhor consultar o Mestre Calvino sobre isso'. Pike nos lembra que foi dada a Calvino uma 'Cadeira do Consultor' em todos os encontros das autoridades da cidade e 'quando ele estava doente as autoridades viriam a sua casa para as suas seções'. Ao invés de diminuir com o tempo, o poder de Calvino somente cresceu. John McNeil, um calvinista, admite que 'nos últimos anos de Calvino e sob sua influência, as leis de Genebra tornaram-se mais detalhadas e mais rigorosas' [...]. Com controle ditatorial sobre a população 'ele governou como poucos soberanos fizeram', Calvino impôs o seu tipo de Cristianismo sobre os cidadãos com açoitamentos, prisões, banimentos e queima na estaca. Calvino foi chamado de 'O Papa Protestante' e 'O Ditador Genebrino' que 'toleraria em Genebra as opiniões de apenas uma pessoa, dele mesmo' [...]; traição ao estado e era punido com a morte [...]. Em um ano, sob o conselho do Consistório, 14 possíveis bruxas foram enviadas à estaca sob a acusação que elas persuadiram Satã a afligir Genebra com a praga [...]. Calvino estava novamente seguindo os passos de Agostinho, que forçou 'unidade [...] por meio da participação comum nos Sacramentos [...]'. Um médico chamado Jerome Bolsec ousou discordar com a doutrina da predestinação de Calvino. Ele foi preso por dizer que 'aquele que colocar um decreto eterno em Deus pelo qual Ele ordenou alguns para a vida e o resto à morte faz de Deus um tirano [...]'. Bolsec foi preso e banido de Genebra com a advertência que se ele retornasse seria açoitado. John Troillet, um tabelião da cidade, criticou a visão de Calvino da predestinação por 'fazer de Deus o autor do pecado'. De fato, a acusação era verdadeira, como nós veremos nos capítulos 9 e 10. A corte decretou que 'daí por diante, ninguém ousaria falar contra esse livro [Institutas] e suas doutrinas'. Tanto que havia sido prometido a liberdade de consciência que iria substituir a opressão intolerável dos papas! O poder de Calvino era tão grande que se opor a Calvino era equivalente a traição contra o estado. Um cidadão chamado Jacques Gruet foi preso sob a suspeita de ter colocado uma placa no púlpito de Calvino que dizia em parte, 'Hipócrita grosseiro [...]! Após o povo ter sofrido tanto, eles vingam-se a si mesmos [...] perceba que você não serviu como M. Verle [que foi morto]' [...]. Gruet foi torturado duas vezes diariamente de uma maneira similar ao que Roma fazia (corretamente condenado pelos reformadores de aplicar tortura, que torturavam as suas vítimas nas inquisições daqueles que

foram acusados de ousar discordar dos seus dogmas). O uso de torturas para 'extrair' confissões foi aprovado por Calvino. Após trinta dias de sofrimento severo, Gruet finalmente confessou – se verdadeiramente, ou em desespero para o fim das torturas, ninguém sabe. Em 16 de Julho de 1547, 'meio morto, ele foi preso à estaca, seus pés foram pregados na estaca, e sua cabeça foi cortada'. Decapitação era uma pena por crimes civis; queimar na estaca era uma pena por heresia teológica. Aqui nós vemos que uma desavença com Calvino era tratada como uma ofensa capital contra o estado [...]. Calvino seguiu os princípios de punição, coerção e morte que Agostinho advogou. Concernente somente a um período de pânico em face da praga e da fome, Cottret descreve 'uma determinação irracional para punir os fomentadores do mal'. Ele fala de um homem que 'morreu sob tortura em Fevereiro de 1545, sem admitir os seus crimes [...]; o corpo foi arrastado ao meio da cidade a fim de não privar os habitantes da queima que eles tinham direito. Feiticeiros, como os heréticos [...] foram caracterizados pelo combustível de suas qualidades [...]. As execuções continuaram. Já aqueles detidos que recusavam confessar; as torturas foram combinadas habilmente para evitar matar o culpado de forma tola [...] [alguns] foram decapitados [...], alguns cometeram suicídio em suas celas para evitar a tortura [...], uma mulher presa se jogou pela janela [...]. Sete homens e vinte e quatro mulheres morreram nesse caso; outros fugiram [...]. Em uma carta Calvino aconselhou a um amigo: *'O Senhor nos testa de uma maneira surpreendente. Uma conspiração foi descoberta de homens e mulheres que por três anos se empenharam em espalhar a praga na cidade por meio da feitiçaria [...]. Quinze mulheres já foram queimadas e os homens foram punidos ainda mais rigorosamente. Vinte e cinco desses criminosos ainda estão na prisão [...]. Até agora Deus tem preservado a nossa casa [...]*'. Ninguém jamais teve tanto êxito em uma imposição totalitária da "divindade" sobre uma sociedade completa do que João Calvino. E, portanto, ninguém provou com clareza como ele que a coerção não pode ser bem sucedida porque ela nunca pode mudar os corações dos homens. A teologia de Calvino, como definida em suas institutas, negou que o homem não regenerado poderia crer e obedecer a Deus. Aparentemente, ele era ignorante do fato de que o senso comum de que uma escolha genuína é essencial se o homem quer amar e obedecer a Deus ou mostrar uma compaixão real aos seus companheiros. Mas em seu esforço determinado de fazer os cidadãos de Genebra obedecer, Calvino refutou suas próprias teorias de Eleição Incondicional e Graça Irresistível." (Em: <<http://www.institutogamaliel.com/>>. Acesso em 30 maio 2014).

## O FATALISMO CONDENÁVEL

O fatalismo afirma que os fatos de nossa vida e da história passam a ser decorrentes de um complexo sistema de causas e efeitos inevitáveis e independentes de nossa vontade. Essa concepção nos leva ao mecanicismo, segundo o qual o homem é previsível e controlável como uma máquina e, portanto, sem autodeterminação, sem liberdade.

- O fatalismo e a fé estoica de Agostinho

Na monografia “A verdadeira religião segundo santo Agostinho”, escrita por dois estudantes da PUC, é observado o seguinte:

“Agostinho demonstra a grande influência que recebera da corrente filosófica neoplatônica de Alexandria, principalmente do filósofo Plotino, cujos pensamentos tiveram participação na conversão do pensador de Hipona ao cristianismo. Também é notório observar neste escrito alguns resquícios do pensamento maniqueu quando Agostinho faz uma leitura apologética da doutrina cristã.” (MORAES, João Ricardo; GONÇALVES, Paulo Sérgio Lopes. A verdadeira religião segundo santo Agostinho. 2013. Disponível em: <<http://www.puc-campinas.edu.br>>. Acesso em 31 maio 2014).

O escritor Titillo, em seu livro *A Gênese da Predestinação*, escreveu sobre a problemática do envolvimento do pensamento agostiniano com o paganismo estoico e com a igreja primitiva e rechaçou isso:

[...] as raízes do compatibilismo (entre livre agência e fatalismo) podem ser encontrados no estoicismo, escola fundada por Zenão de Cítio (344-262 a.C.) em Atenas, por volta de 300 a.C. A filosofia estoica caracteriza-se pela convicção de que o universo possui uma estrutura racional e TUDO ACONTECE NECESSARIAMENTE (ou seja, o homem não tem livre-arbítrio. O livro *Livre-Arbítrio* de Agostinho ‘o jovem’ foi escrito para combater essa concepção pagã) [...]. Deus exerce controle sobre todos os eventos, e todas as circunstâncias que precederam todas as decisões humanas e, assim, é Deus mesmo quem realmente determina todas as decisões [...], é Deus mesmo quem realmente determina o que faremos em todos os casos [...]. Mas se tudo acontece necessariamente (pelo determinismo divino), como pode o homem ser considerado moralmente responsável por suas ações? (Como defendiam Agostinho e Calvino anacronicamente) [...]. Buscou-se demonstrar que a noção estoica de determinismo causal pode ser compatibilizada com a atribuição da responsabilidade moral dos agentes (apesar do paradoxo) [...]. O destino, apesar de inalterável, não é independente das decisões humanas [...]. Outra objeção comumente levantada contra o compatibilismo (calvinista) - e contra ao determinismo em geral - é que tal entendimento torna Deus autor do pecado [...]. Por isso, Roger Olson acrescenta que, para ‘o príncipe dos puritanos’, os seres humanos ‘são livres apenas para fazer o que Deus determina’. Neste ponto, torna-se difícil evitar a ideia de que o compatibilismo e o determinismo radical levam à mesma conclusão. De qualquer forma [...]. J Edwards representa bem o pensamento de Agostinho em sua forma final e dos reformadores

Lutero e Calvino [...] (A Igreja primitiva nunca aprovou o fatalismo determinista e a negação do livre-arbítrio). O sínodo de Arles, então, defendeu as seguintes doutrinas 1) O livre-arbítrio permanente após a queda, embora enfraquecido; 2) A morte de Cristo tem o propósito de salvar todos os homens; 3) A presciência divina não violenta a vontade humana; 4) Aqueles que se perdem não se perdem por vontade de Deus; 5) Deus deseja a salvação de todos os homens [...]. Note-se que nenhum dos sínodos, nem tampouco o concílio de Éfeso, defendeu as doutrinas de Agostinho [...]”. (A Gênese da Predestinação, Titilo, 2014, p. 30 – 32, 182 e 183; parênteses do autor)

- Algumas considerações fatalistas de Calvino

O site calvinista *Geniza* diz o seguinte sobre algumas das elucubrações ou conjecturas estranhas do reformador:

“Em minha opinião, sua (de Calvino) grande falha lógica está aqui: *‘Onde ouves menção da glória de Deus, aí debes pensar em sua justiça. Ora, o que merece louvor tem de ser justo. Portanto, o homem cai porque assim o ordenou a providência de Deus; no entanto, cai por falha sua. [...] Logo, por sua própria malignidade o homem corrompeu a natureza pura que havia recebido do Senhor, e em sua ruína arrastou consigo à ruína toda a posteridade’* (As Institutas, Livro III, cap. XXIII, seção 8). Para Calvino, o homem peca porque Deus assim decretou, mas ainda assim é responsável por seus atos maus. Tal ‘decreto espantoso’ não possui explicação e não cabe ao homem questioná-lo. Surge uma nova pergunta: E Adão, o primeiro homem, também agiu de acordo com os propósitos divinos? Calvino explica: *‘O primeiro homem, pois, caiu porque o Senhor assim julgara ser conveniente. Por que ele assim o julgou nos é oculto. Entretanto, é certo que ele não o julgou de outro modo, senão porque via daí ser, com razão, iluminada a glória de seu nome’* (As Institutas, Livro III, cap. XXIII, seção 8). Para fechar, uma última declaração de Calvino (prepare-se): *‘Eu concedo mais: os ladrões e os homicidas e os demais malfeitores são instrumentos da divina providência, dos quais o próprio Senhor se utiliza para executar os juízos que ele mesmo determinou. Nego, no entanto, que daí se deva permitir-lhes qualquer escusa por seus maus feitos’.* (As Institutas, Livro I, Capítulo XVII, seção 5)” (Em: <[www.genizahvirtual.com](http://www.genizahvirtual.com)>. Acesso em 30 maio 2014).

Alguns filósofos acreditam que a crença no destino fatalista nega radicalmente a liberdade humana e é maléfica para a sociedade: pois, se o nosso destino já está predeterminado, para que educar para o trânsito? Para que exigir das autoridades a solução das enchentes? Para que lutar por justiça? Para que reivindicar o fim das opressões? Se somos determinados pelo destino, não há como responsabilizar os desonestos, os opressores, os exploradores, os ladrões e os assassinos, pois seriam, todos eles, vítimas do destino [...]. Os adeptos do fatalismo ignoram que os homens é que constroem e destroem cidades, criam culturas, erguem civilizações, arquitetam guerras e

promovem a paz. Apesar dos condicionamentos, o homem se define pela liberdade e pela responsabilidade.

- Conclusão

“[...] Decerto tem havido calvinistas à moda deles mesmos, que dão pouco valor à responsabilidade humana, mas o motivo disto jaz na incoerência deles.” (KUIPE, R. B. Evangelização Teocêntrica. 1999, p. 45).

Norman Geisler fecha nossa conclusão com a seguinte assertiva:

“Os fatalistas e os deterministas tem tentado, em vão, negar a liberdade humana — e isso eles têm feito sem que ninguém os force! O fato é que a liberdade é inegável. Porque, se cada coisa fosse determinada, os deterministas seriam determinados a crer que não somos livres. Mas os deterministas creem que o determinismo é verdadeiro e que o não-determinismo é falso. Além disso, creem que todos os não-deterministas deveriam mudar sua posição e se tornarem deterministas [...]. Todavia, isso implica que os não-deterministas são livres para mudar sua opinião — o que é contrário ao determinismo! Assim, segue-se que o determinismo é falso, visto ser contraditório.” (Eleitos, Mas Livres, GEISLER, 2001, p. 33 ).

## O QUE É A TULIP?

- Os 5 pontos da soteriologia calvinista

Os Cinco Pontos do Calvinismo geralmente são apresentados sob o acrônimo TULIP. Àqueles da profissão médica, TULIP é uma referência a uma forma de cirurgia a laser para problemas da próstata (Transurethral Ultrasound-guided Laser-Induced Prostatectomy). Ao homem comum, entretanto, TULIP (N.T.: tulipa) é apenas uma flor. Mas a menção dessa palavra em círculos teológicos não traz nenhuma destas coisas à mente, pois qualquer referência a TULIP, imediatamente, significa os Cinco Pontos do Calvinismo. Vance, no livro o “Outro Lado do Calvinismo” comenta que “O calvinista Coppes combina tanto o conceito floral quanto o teológico: ‘A TULIP é apenas uma das flores no belo jardim da verdade’.” Resta rever mesmo se a “verdade do sistema TULIP” é mesmo encontrada na bíblia do jeito apresentado pelos “tulipianos”. Claro, TULIP não é todo o calvinismo, mas ele foi destacado por causa da sua doutrina da salvação expressos nesses pontos do quadro abaixo:

Em Inglês	Tradução Livre
T - Total Depravity	Depravação Total
U - Unconditional Election	Eleição Incondicional
L - Limited Atonement	Expição Limitada
I - Irresistible Grace	Graça Irresistível
P - Perseverance of the Saints	Perseverança dos Santos

O Rei Tiago, da Inglaterra, que mandou delegados ao Sínodo de Dort (1618-1619) – sínodo que definiu como ortodoxo e reformado os 5 pontos da TULIP calvinista - apesar disso, confessou abertamente contra este sistema:

“Esta doutrina é [...] o meio mais provável de incitar o ódio dos homens contra Deus seu Criador; nada poderia ser inventado por eles que seria mais eficaz para este propósito, ou que poderia colocar uma afronta maior sobre o amor de Deus pela humanidade, do que esse infame decreto do recente Sínodo e a decisão dessa detestável fórmula, pela qual a imensa maioria da raça humana é condenada ao inferno por nenhuma outra razão senão a mera vontade de Deus, sem qualquer consideração pelo pecado; a necessidade de pecar, assim como a de ser condenado, estando fixado sobre eles por esse grande prego do decreto previamente mencionado.” (Laurence Vance, O Outro Lado do Calvinismo, 2000, p. 312).



- Refutando a TULIP

- A Queda fez do homem um autômato sem livre-arbítrio?

O ensino calvinista exacerba a queda humana e conjectura que o homem morto não pode mais responder ao chamado da Graça de Deus. Para alguns calvinistas, morto, é morto mesmo, em todos os sentidos e não apenas no espiritual – seria uma total incapacidade. Os calvinistas se esquecem de que a recíproca é verdadeira, se o homem está morto desse jeito e não pode responder à salvação, seria, então, obtusidade pensar que ele é culpado pelos seus atos e pecados. Claro, o calvinismo não ensina isso, mas a conclusão é lógica – se é morto para ser salvo – também é morto para ser condenado e culpado pelos seus erros (afinal, morto não erra, por não ter como agir de jeito algum).

Continuando, vejamos algumas conjecturas de Calvino: *“O homem não tem livre-arbítrio para praticar o bem [...]”*. Ainda citando Agostinho, ele diz: *“que o livre-arbítrio está em cativeiro e não pode fazer bem algum”*. (As Institutas, vol. 1, Edição Especial, p. 97-99). A ideia aqui é mostrar que o homem não pode responder ao chamado de Deus, então, somente os predestinados serão ressuscitados e salvos e os demais, condenados ao fogo do inferno: *“Deus não criou todos em igual condição, mas ordenou uns para vida eterna e os demais para a condenação eterna [...]”*. (As Institutas, vol. 3, Edição Especial, p. 41).

A maioria dos cristãos entende que o homem é um ser caído e precisa da Graça de Deus para receber a salvação, mas tocado pela Graça ele pode responder sim ou não ao Salvador. Entretanto, o calvinismo não vê assim. Laurence Vance comenta:

“Quando um calvinista diz Depravação Total, o que ele realmente quer dizer é Incapacidade Total, que não tem nada a ver com a Depravação Total [...]. A doutrina calvinista da depravação é despretensiosamente declarada pelos calvinistas como se referindo à incapacidade do homem para livremente crer em Jesus Cristo para a salvação [...]” (Laurence Vance, O Outro Lado do Calvinismo, 2000, p. 214)

Norman Geisler diz o seguinte sobre a problemática:

“Ao contrário do que pensam certos calvinistas, a fé não é um dom que Deus oferece somente a alguns. Todos têm a responsabilidade de crer, e quem quer que decida crer pode crer (cf. Jo. 3.16). Jesus diz: ‘Para que todo o que nele crer não pereça, mas tenha a vida eterna’ (Jo. 3.16). E acrescenta: ‘Quem nele crê não é condenado’ (v. 18). E ainda: ‘Quem vier a mim eu jamais rejeitarei’ (Jo. 6.37). Apocalipse 22.17 também afirma: ‘Quem tiver sede, venha, e quem quiser, beba de graça da água da vida’. Se cada pessoa pode crer, por que, então, Jesus asseverou de alguns: ‘Por esta razão eles não podiam crer, porque, como disse Isaías noutra lugar: Cegou os seus olhos e endureceu-lhes o coração, para que não vejam com os olhos nem entendam com o coração, nem se convertam, e eu os cure’ (Jo. 12.39,40)? A resposta é encontrada no contexto: 1) A fé era, obviamente, responsabilidade deles, visto que Deus os havia considerado responsáveis por não crerem, pois somente dois versículos antes, lemos: ‘Mesmo depois que Jesus fez todos aqueles sinais miraculosos, não creram nele’ (Jo. 12.37); 2) Jesus estava falando

a judeus de coração endurecido, que haviam visto milagres indiscutíveis (incluindo a ressurreição de Lázaro [Jo. 11]) e que haviam sido muitas vezes chamados a crer antes desse episódio (Jo. 8.26), o que revela que eram capazes de crer; 3) Foi a própria incredulidade teimosa que lhes trouxe cegueira. Jesus havia dito: ‘Eu lhes disse que vocês morrerão em seus pecados. Se vocês não crerem que Eu Sou, de fato morrerão em seus pecados’ (Jo. 8.24). Assim, foi uma cegueira escolhida que poderia ser evitada.” (Em: <[www.cacp.org.br](http://www.cacp.org.br)>. Acesso em 29 maio 2014).

Sobre o livre-arbítrio, Norman Geisler, no livro “*Eleitos, Mas Livres*”, assegura que o homem tinha livre-arbítrio antes da queda e após a queda:

#### **Livre-arbítrio antes da Queda**

O poder de *livre-escolha* é parte da humanidade criada à imagem de Deus (Gn. 1.27). Adão e Eva receberam a ordem de: 1) Multiplicar a espécie (Gn. 1.28) e 2) Não comer do fruto proibido (Gn. 2.16,17). Essas duas responsabilidades implicam capacidade de corresponder. Como já foi observado, o fato de que deveriam obedecer a esses mandamentos implicava que poderiam obedecer a eles. O último texto narra a escolha deles: ‘Quando a mulher viu que a árvore parecia agradável ao paladar [...] tomou do seu fruto, comeu-o e deu a seu marido, que comeu também’ (Gn. 3.6). A condenação de Deus que veio sobre eles torna evidente que eram livres. Deus perguntou: ‘Você comeu do fruto da árvore da qual lhe proibi comer?’ (Gn. 3.11). ‘Que foi que você fez?’. Respondeu a mulher: ‘A serpente me enganou, e eu comi’. (Gn. 3.13). As referências do Novo Testamento ao ato de Adão tornam claro que ele fez uma escolha livre pela qual se tornou responsável. Romanos 5 chama essa escolha de ‘pecado’ (v.16), ‘transgressão’ (v. 15) e ‘desobediência’ (v. 19). O mesmo ato é referido em I Timóteo, capítulo 2, como ‘transgressão’ (v. 14). Todas essas descrições implicam que o ato de Adão foi moralmente livre e culpável.

#### **O livre-arbítrio após a Queda**

Mesmo após Adão ter pecado e se tornado espiritualmente ‘morto’ (Gn. 2.17; cf. Ef. 2.1) e pecador ‘por natureza’ (Ef. 2.3), ele não era depravado completamente a ponto de não poder ouvir a voz de Deus ou de dar uma resposta livre. Porque o Senhor Deus chamou o homem, perguntando: ‘Onde está você?’. E ele respondeu: ‘Ouvi teus passos no jardim e fiquei com medo, porque estava nu; por isso me escondi’ (Gn. 3.9,10). A imagem de Deus em Adão foi manchada pela Queda, mas não apagada. Foi desfigurada, mas não destruída. Em outras palavras, a imagem de Deus (que inclui o livre-arbítrio) ainda está nos seres humanos após a Queda. Essa é a razão de o assassínio (Gn. 9.6) e mesmo a maldição (Tg. 3.9) de outras pessoas serem considerados pecados: “Porque a imagem de Deus foi o homem criado” (Gn. 9.6). Mesmo os não-salvos têm *livre-escolha*, tanto para receber, quanto para rejeitar o dom da salvação que vem de Deus. Jesus assim se refere aos que o rejeitaram: ‘Jerusalém, Jerusalém! [...]. Quantas vezes eu quis reunir os seus filhos, como a galinha reúne os seus pintinhos debaixo das suas asas, mas vocês não quiseram’ (Mt. 23.37). E João afirma que, ‘aos que

creram em seu nome [Cristo], deu-lhes o direito de se tornarem filhos de Deus' (Jo. 1.12). A verdade é que Deus deseja que todos os não-salvos mudem a maneira de pensar (se arrependam), porque 'ele é paciente com vocês, não querendo que ninguém pereça, mas que todos cheguem ao arrependimento' (2Pe. 3.9). Isso significa uma mudança de pensamento [...]. Jesus disse aos incrédulos de seu tempo: '*Se vocês não crerem que Eu Sou, de fato morrerão em seus pecados*' (Jo. 8.24). Por vezes declarou que a fé era uma coisa que deviam ter: '*Nós cremos e sabemos que és o Santo de Deus*' (Jo. 6.69); '*Quem é ele, Senhor, para que eu nele creia*' (Jo. 9.36); '*Então o homem disse: Senhor, eu creio, e o adorou*' (Jo. 9.38); '*Jesus respondeu: Eu já lhes disse, mas vocês não creem*' (Jo. 10.25). Essa é a razão por que Jesus disse: '*Quem nele crê não é condenado, mas quem não crê já está condenado, por não crer no nome do Filho Unigênito de Deus*' (Jo. 3.18). Claramente, então, a fé é nossa responsabilidade, e ela está enraizada em nossa capacidade de responder. (Norman Geisler, Eleitos, Mas Livres, 2001, p. 35,36)

Além da bíblia, vemos que os pais da igreja rejeitavam tal doutrina. O Concílio de Arles (353 d.C.) disse que "*o livre arbítrio permanece após a queda, embora enfraquecido*" e o Concílio de Orange (529 d.C.), segundo Roger Olson, condenou o fatalismo *predestinacionista*.

Segue abaixo uma relação de alguns dos pais da igreja e o pensamento deles contrários a essa ideia calvinista:

#### **JUSTINO MÁRTIR (100 a 160/165 d. C.)**

"Do que dissemos anteriormente, ninguém deve concluir que a consequência do que afirmamos que se sucede ocorre por necessidade do destino, pelo fato de que dizemos ser de antemão conhecidos os acontecimentos. Para isso, vamos esclarecer também esta dificuldade. Nós aprendemos com os profetas e afirmamos que isto é a verdade: que os castigos e tormentos, igualmente as boas recompensas, dão-se a cada um conforme as suas obras, pois se não fosse assim e se ocorresse pelo destino, não existiria em absoluto o livre-arbítrio. Com efeito, se está determinado que este seja bom e aquele mau, nem aquele merece louvor, nem este vitupério. E se o gênero humano não tem poder para fugir por livre determinação daquilo que é vergonhoso e optar pelo belo, é irresponsável por qualquer ação que faça. Porém, que o homem é virtuoso e peca por livre escolha, o demonstramos pelo seguinte argumento: vemos que o próprio sujeito passa de um extremo a outro. Pois bem: se fosse determinado ser mau ou bom, não seria capaz de fazer coisas contrárias nem mudaria [seu comportamento] com tanta frequência. Na verdade, não se poderia dizer que alguns são bons e outros maus a partir do momento em que afirmamos que o destino é a causa de bons e maus, e que faz coisas contrárias a si mesmo; ou deve se ter por verdade aquilo que já anteriormente insinuamos, a saber: que virtude e maldade são meras palavras e que apenas por opinião [pessoal] se classifica algo como bom ou mau – o que, como demonstra a verdadeira razão, é o cúmulo da impiedade e da iniquidade. O que afirmamos ser destino iniludível é que a quem escolher o bem, esperalhes digna recompensa; e a quem escolher o contrário, esperalhes

igualmente digno castigo. Porque Deus não fez o homem da mesma forma que as outras criaturas, por exemplo, árvores e quadrúpedes, que nada podem fazer por livre determinação, pois nesse caso não seria digno de recompensa ou louvor, nem mesmo por ter escolhido o bem, mas já teria nascido bom; nem, por ter sido mau, seria castigado justamente, pois não agiu livremente, mas por não poder ter sido outra coisa do que foi.” (1ª Apologia 43, 1-8, Grifos do Autor)

### IRINEU (130 a 200 d. C.)

“Esta frase: ‘Quantas vezes quis acolher os teus filhos, porém tu não quiseste!’ (Mateus 23.37), bem descobriu a antiga lei da liberdade humana, pois Deus fez o homem livre, o qual, assim como desde o princípio teve alma, também gozou de liberdade, a fim de que livremente pudesse acolher a Palavra de Deus, sem que Este o forçasse. Deus, com efeito, jamais se impõe à força, pois n’Ele sempre está presente o bom conselho. Por isso, concede o bom conselho a todos. Tanto aos seres humanos como aos anjos outorgou o poder de escolher - pois também os anjos usam sua razão - a fim de que àqueles que lhe obedecem possam conservar para sempre este bem como um dom de Deus que eles guardam. Ao contrário, não se encontrará este bem naqueles que O desobedecem e por isso receberão o justo castigo, porque Deus certamente lhes ofereceu benignamente este bem, mas eles não se preocuparam em conservá-lo, nem o acharam valioso, mas desprezaram a bondade suprema. Assim, portanto, ao abandonar este bem e até certo ponto rejeitá-lo, com razão serão réus do justo juízo de Deus, do qual o Apóstolo Paulo dá testemunho em sua Carta aos Romanos: ‘Por acaso desprezas as riquezas de sua bondade, paciência e generosidade, ignorando que a bondade de Deus te impulsiona a arrepender-te? Pela dureza e impenitência do teu coração, tu mesmo acumulas a ira para o Dia da Cólera, quando se revelará o justo juízo de Deus’ (Romanos 2.4-5). Ao contrário, diz: ‘Glória e honra para quem opera o bem’ (Romanos 2.10). Deus, portanto, nos deu o bem, do qual dá testemunho o Apóstolo na mencionada Carta, e aqueles que agem segundo este dom receberão honra e glória, porque fizeram o bem quando estava em seu arbítrio o não fazê-lo; ao contrário, aqueles que não agirem bem serão réus do justo juízo de Deus, porque não agiram bem estando em seu poder fazê-lo. Com efeito, se alguns seres humanos fossem maus por natureza e outros bons por natureza, nem estes seriam dignos de louvor por serem bons, nem aqueles condenáveis, porque assim teriam sido criados. Porém, como todos são da mesma natureza, capazes de conservar e fazer o bem, e também capazes de perdê-lo e não fazê-lo, com justiça os seres sensatos – quanto mais Deus! – louvam os segundos e dão testemunho de que decidiram de maneira justa e perseveraram no bem; ao contrário, reprovam os primeiros e os condenam retamente por terem rejeitado o bem e a justiça. Por esse motivo, os profetas exortavam a todos a agir com justiça e a fazer o bem, como muitas vezes explicamos, porque este modo de nos comportar está em nossas mãos; porém, tendo tantas vezes caído no esquecimento por nossa grande negligência, nos fazia falta um bom conselho. Por isso o bom Deus nos aconselhava o bem por meio dos profetas.” (Contra as Heresias 4,37,1-2) (textos dos pais da igreja

primitiva podem ser encontrados no sites indicados ao final). “Se não dependesse de nós o fazer e o não fazer, por qual motivo o Apóstolo, e bem antes dele o Senhor, nos aconselharia a fazer coisas e a nos abster de outras? Sendo, porém, o homem livre na sua vontade, desde o princípio, e livre é Deus, à semelhança do qual foi feito, foi-lhe dado, desde sempre, o conselho de se ater ao bem, o que se realiza pela obediência a Deus. (Contra Heresias, IV, 37. 1.4) (também citado por Norman Geisler em “eleitos, mas livres”, pg 171).

#### **CLEMENTE DE ALEXANDRIA (150 d.C. - 215 d. C.)**

“Nos que ouvimos pelas Sagradas Escrituras que a escolha autodeterminada e a recusa foram dadas pelo Senhor aos homens, descansamos no critério infalível da fé, manifestando um espírito desejoso, já que escolhemos a vida e cremos em Deus por intermédio da sua voz”. (Norman Geisler, 2001, **Teologia Sistemática**. v. 2. p. 78).

“Não somente o crente, mas até mesmo o descrente é julgado mais retamente. Pois, desde que Deus soube em virtude de sua presciência que essa pessoa não acreditaria, Ele, entretanto, a fim de que ele possa receber a sua própria perfeição, deu-lhe a filosofia antes da fé.” (BERCOT, David W. (Ed.). **A Dictionary of Early Christian Beliefs**. 1998. p. 284).

“A soberania e o livre-arbítrio são compatíveis, pois muitas coisas na vida surgem no exercício da razão humana, tendo recebido a faísca incandescente de Deus. [...] Agora, todas estas coisas têm verdadeiramente origem e existência por causa da providência divina — contudo, não sem a cooperação humana também (Norman Geisler, **Teologia Sistemática**. 2010 v. 1. p. 1024).

#### **ORÍGENES (185 a 254 d. C.)**

“Está também definido na pregação da Igreja que toda alma racional possui vontade e livre-arbítrio; e que há também para ela uma luta a ser travada contra o demônio e seus anjos e forças adversas, já que eles trabalham para onerá-la de pecados, enquanto que nós, se vivermos retamente e com conselho, devemos nos esforçar em nos despojarmos deste jugo. Deve-se entender, por conseguinte, que ninguém de nós está submetido à necessidade, de tal modo que, ainda que não queiramos, sejamos a qualquer custo obrigados a fazer coisas boas ou más.” (DE PRINCÍPIIS, cap 5)

“Isto também é claramente definido no ensino da igreja de que cada alma racional é dotada de livre-arbítrio e volição.” (DE PRINCÍPIIS, prefácio). “Há, de fato, inúmeras passagens nas Escrituras que estabelecem com extrema clareza a existência da liberdade de vontade.” (De PRINCÍPIIS, 3.1 apud GEISLER. **Eleitos, mas livres**. 199-, p. 173 -174, grifo do autor).

#### **JERÔNIMO (347-420 d. C.)**

**“Em vão me deturpas e tentas convencer os ignorantes que eu condeno o livre-arbítrio.** Que aquele que condena, seja por si mesmo condenado, pois fomos criados com o dom do livre-arbítrio [...]. É verdade que a liberdade da vontade traz consigo a liberdade de decisão. Contudo o homem não age imediatamente a partir do seu livre-arbítrio, **mas precisa da ajuda de Deus,** que é o único que não precisa ser ajudado.” (Norman Geisler, Teologia Sistemática, 2010 v2, pg 79).  
“Quando nós estamos preocupados com a Graça e misericórdia, o livre-arbítrio é parte anulada; em parte, eu digo, **porque tanto depende dele,** que queremos e desejamos e damos consentimento ao curso que escolhemos. Mas depende **de Deus se temos o poder em sua força** e com sua ajuda para fazer o que desejamos, e para o nosso trabalho e esforço darem resultado.” (Contra Pelagianos, Livro III) (Eleitos, mas livres, pg 76).

Poderia citar muitos outros como: Novaciano, Teófilo, Tarciano, Tertuliano, Metódio, Cirilo de Jerusalém etc.

Laurence Vance entende que, se a bíblia nos informa claramente que o homem pecador pode responder ao chamado da Graça de Cristo, e Geisler explicitou isso muito bem, então: *“se for provado que a ‘Depravação Total’ ou ‘Incapacidade Total’ é falsa, o resto dos cinco pontos do Calvinismo enfraquece”*.

- Deus predestina pessoas ao inferno de maneira incondicional?

Dave Hunt respondeu com primazia esta questão em um dos seus livros:

“Não há dúvida de que Deus é soberano e poderia ter predestinado alguns para o céu e outros para o inferno. Ou Ele poderia enviar todos nós para o inferno, pois é o que merecemos. A questão central não é a soberania de Deus, mas seu amor. Algo que fica muito claro é que Deus quer que toda a humanidade seja salva e vá para o céu: ‘Porque Deus amou o mundo de tal maneira que deu o seu Filho unigênito, (...) para que o mundo fosse salvo por ele’ (Jo. 3.16-17); o Pai enviou seu Filho para Salvador do mundo (1 Jo. 4.14).

O Senhor (...) não querendo que alguns se percam, senão que todos venham a arrepender-se (2 Pe. 3.9); que quer que todos os homens se salvem e venham ao conhecimento da verdade (1 Tm. 2.4).

O qual se deu a si mesmo em preço de redenção por todos (1 Tm. 2.6). E ele é a propiciação pelos nossos pecados e não somente pelos nossos, mas também pelos de todo o mundo (1 Jo. 2.2).

Ninguém irá para o inferno apenas porque Deus assim quis ou porque Ele não fez tudo que podia para persuadi-lo a crer no evangelho que Ele ofereceu total e graciosamente a todos. Aqueles que perecem só perecem porque rejeitaram a salvação que Deus oferece com toda a sua persuasão. Sugerir que Deus não quer que toda a humanidade seja salva é uma difamação do seu caráter e a Bíblia seria contraditória! Como poderia ser que Deus, que diz que devemos amar nossos inimigos, não amasse os seus? É inconcebível que Deus tenha o desejo de enviar alguém que ele realmente ama para o inferno. Na verdade, muitas pessoas vão para lá pelo fato de rejeitarem a salvação que Deus, amorosamente, nos ofereceu por meio de sua graça.”

## **Presciência Determina a Predestinação**

Se for para crer que Deus predestinou algumas pessoas a ir para o inferno, então devemos também acreditar que Ele predestinou que Adão e Eva deveriam pecar e, portanto, predestinou todo o mal que se seguiu. Isso é totalmente ilógico e absurdo. O calvinista rigoroso diz que somos totalmente depravados e não podemos escolher se vamos receber a Cristo ou não. No entanto, esse argumento não se aplica a Adão e Eva, pois eles foram criados na inocência. Se hoje, como nós, eles pudessem escolher apenas o mal, então a recomendação de Deus para que não comessem do fruto proibido (como também seu apelo para que venhamos a Cristo) é uma farsa.

A rebelião das criaturas no jardim do Éden, que até aquele momento eram inocentes e viviam em um ambiente perfeito, pode apenas ter sido o resultado do desejo que tinham de opor-se ao desejo de Deus. E se essa não fosse uma escolha genuína, então o pecado não poderia ter entrado no mundo por aquele ato, uma vez que eles já deveriam ser pecadores.

É verdade, Deus previu que Adão e Eva se rebelariam e Ele tinha conhecimento de todo o mal que se seguiria. Portanto, ele providenciou para que todo pecado e todo pecador fosse perdoado por meio de Cristo mesmo antes de Ele ter criado o mundo (Ap. 13.8). Mas Ele não predestinou o mal que se iniciou no Éden e que permeia o mundo! Se Ele assim o fizesse, então todas as violações, assassinatos, ódios e ciúmes que já ocorreram na história e continuam ocorrendo até hoje existiriam porque Deus assim predestinou. Mais uma vez, isso é totalmente inconsistente com o caráter de Deus, conforme revelado em sua Palavra.

Romanos 8.29-30 declara: “Porque os que dantes conheceu, também os predestinou (...) chamou (...) justificou (...) glorificou”. Deus, de forma clara, certificou-se de que o evangelho seria apresentado a todos que Ele sabia que creriam em sua Palavra. Portanto, a presciência é a chave da predestinação. Os calvinistas rigorosos objetam de que o fazer a escolha “é fundamentado em uma ação e a salvação não depende delas”. Entretanto, o fato de um homem escolher aceitar o perdão que Deus oferece em Cristo não constitui uma ação humana. Se um homem que estiver se afogando, impotente para salvar a si mesmo, aceitar uma ajuda de resgate, será que ele, desse modo, teria feito alguma coisa para salvar a si mesmo? Será que ele poderia dizer que foi salvo pelas suas próprias ações? Será que ele poderia se orgulhar (conforme alguns sugerem em relação àqueles que receberam a Cristo por um ato de sua própria vontade) de que seu resgate do afogamento ocorreu porque era

“bastante esperto, bastante amoroso, bastante sábio, bastante justo ou bastante qualquer outra coisa” [...]? É claro que não.

A salvação é toda de Deus e toda pela graça. Aqueles que a aceitam não têm mérito algum. Na verdade, um pecador, para ser salvo, deve confessar sua total indignidade e inabilidade para merecer ou ganhar a salvação. Ele deve simplesmente recebê-la como um dom gratuito da graça de Deus.

Um dom incorpora dois elementos essenciais: (1) A doação desse dom; e (2) A recepção dele. Ninguém pode dar um dom a alguém a menos que a pessoa esteja disposta a recebê-lo. Deus não impõe a si mesmo nem a sua graça a ninguém. Devemos, deliberadamente e de boa vontade, receber o dom da salvação. Essa é a razão pela qual o evangelho é pregado, e para a pessoa ser salva, precisa acreditar nele. (HUNT, Dave. Em Defesa da Fé Cristã – Respostas a perguntas difíceis. Rio de Janeiro: CPAD, 2006, p. 303-306).

- Jesus morreu apenas pelos eleitos, ou por toda a humanidade?

Quero destacar, aqui, o que o próprio João Calvino conjecturou sobre isso:  
“ [...] pois é a vontade de Deus que busquemos a salvação de todos os homens, sem exceção, porque Cristo sofreu pelos pecados do mundo inteiro [...]” (Comentário aos Gálatas, Ed. Fiel, 2007, p. 145).

Então, apesar da doutrina calvinista ensinar a Expição Limitada, ou seja, que Cristo morreu apenas por um pequeno grupo de eleitos, Calvino, pelo menos nesta obra citada, conjecturava o contrário.

Roger Olson acrescenta que:

“A Escritura contradiz a expiação limitada em Jo 3.16, 17; Rm. 14.15; 2Co. 5.18-19; Cl. 1.19, 20; 1Tm. 2.5, 6; 1Jo. 2.2. Todos conhecem Jo. 3.16, 17: *‘Porque Deus amou o mundo de tal maneira que deu o seu Filho Unigênito, para que todo aquele que nele crê não pereça, mas tenha a vida eterna. Porque Deus enviou o seu Filho ao mundo, não para que condenasse o mundo, mas para que o mundo fosse salvo por ele.’* Tipicamente, os calvinistas respondem que nestes versículos *‘mundo’* faz referência a todos os tipos de pessoas e não a todos. Entretanto, isso tornaria possível interpretar todas as passagens onde o Novo Testamento conta que o *‘mundo’* é pecador e caído no sentido de que somente algumas pessoas – todos os tipos – são pecadoras e caídas. A interpretação calvinista de Jo. 3.16, 17 parece se encaixar na descrição de Vernon Grounds de exegese defeituosa usada para defender a expiação limitada.”



(Em: <[www.arminianismo.wordpress.com](http://www.arminianismo.wordpress.com)>. Acesso em 03 junho 2014).

Veja mais alguns versículos bíblicos:

**Isaías 53.6:** *“Todos nós andávamos desgarrados como ovelhas; cada um se desviava pelo seu caminho; mas o Senhor fez cair sobre ele a iniquidade de nós todos.”*

**Isaías 53.12:** *“Pois ele carregou o pecado de muitos, e intercedeu pelos transgressores.”*

**João 1.29:** *“Eis o Cordeiro de Deus, que tira o pecado do mundo.”*

**João 3.16:** *“Porque Deus tanto amou o mundo que deu o seu Filho Unigênito, para que todo o que nele crer não pereça, mas tenha a vida eterna”.*

**João 12.47:** *“Se alguém ouve as minhas palavras, e não as guarda, eu não o julgo. Pois não vim para julgar o mundo, mas para salvá-lo.”*

**Romanos 5.6:** *“De fato, no devido tempo, quando ainda éramos fracos, Cristo morreu pelos ímpios.”*

**Romanos 5.18-19:** *“Consequentemente, assim como uma só transgressão resultou na condenação de todos os homens, assim também um só ato de justiça resultou na justificação que traz vida a todos os homens. Logo, assim como por meio da desobediência de um só homem muitos foram feitos pecadores, assim também, por meio da obediência de um único homem muitos serão feitos justos.”*

**2 Coríntios 5.18-19:** *“Tudo isso provém de Deus, que nos reconciliou consigo mesmo por meio de Cristo e nos deu o ministério da reconciliação, ou seja, que Deus em Cristo estava reconciliando consigo o mundo, não lançando em conta os pecados dos homens, e nos confiou a mensagem da reconciliação.”*

**1 Timóteo 2.3-4:** *“Isso é bom e agradável perante Deus, nosso Salvador, que deseja que todos os homens sejam salvos e cheguem ao conhecimento da verdade.”*

**1 Timóteo 2.5-6:** *“Pois há um só Deus e um só mediador entre Deus e os homens: o homem Cristo Jesus, o qual se entregou a si mesmo como resgate por todos. Esse foi o testemunho dado em seu próprio tempo.”*

**1 Timóteo 4.10:** *“Se trabalhamos e lutamos é porque temos colocado a nossa esperança no Deus vivo, o Salvador de todos os homens, especialmente dos que creem.”*

**Hebreus 2.9:** *“Vemos, todavia, aquele que por um pouco foi feito menor do que os anjos, Jesus, coroado de honra e glória por ter sofrido a morte, para que, pela graça de Deus, em favor de todos, experimentasse a morte.”*

**1 João 2.2:** *“Ele é a propiciação pelos nossos pecados, e não somente pelos nossos, mas também pelos pecados de todo o mundo.”*

- Todos aqueles por quem Cristo morreu devem ser salvos?

O site *arminianos.com* fornece uma resposta interessante para esta pergunta:

*“Será que defender que pessoas sofrerão tormento eterno tendo Cristo morrido por seus pecados realmente não degrada a morte de Cristo? Não seria melhor adotarmos uma posição contrária para desvencilharmos desses problemas? Antes que defender o que seria*

*melhor* ou negar o que *soa aviltante*, precisamos sustentar o que é bíblico, quer as pessoas gostem ou não.

Devemos, antes de mais nada, analisar se a conclusão apresentada verdadeiramente pode ser aceita: pessoas por quem Cristo morreu *realmente* devem ser salvas? A resposta a esta pergunta irá depender de como entendemos a natureza da expiação de Cristo. Se a vemos como uma dívida pecuniária, não há dúvida de que todos aqueles por quem Cristo morreu *devem* ser salvos. Isso, não por uma questão de graça, mas de justiça. Não há, não pode possivelmente haver, graça na liberação de uma dívida pecuniária liquidada. O credor deve, por uma questão de justiça, liberar todos aqueles cuja dívida foi, por ele ou por um representante, paga. Agora, se vemos a expiação de Cristo como o pagamento de uma dívida judicial, como realmente ela é, então esta conclusão não somente pode como deve ser descartada. Deus não está obrigado a aceitar o pagamento de uma dívida judicial. Se Ele aceita, é uma questão de graça, não de justiça. Essa é a grande doutrina da graça de Deus, tão linda e fartamente exarada nas Sagradas Escrituras.

Portanto, os cristãos não precisam ter vergonha de responder que pessoas por quem Cristo morreu podem perder-se eternamente. Quem deveriam ter vergonha são os calvinistas que, com esta conclusão, eles não apenas infamam a graça de Deus, eles a eliminam por completo. Não há nenhuma graça se todos aqueles por quem Cristo morreu *devem* ser salvos.

Esta objeção ainda despreza que os benefícios concedidos por meio de uma satisfação penal podem depender de certas condições a serem cumpridas pelo ofensor. O simples fato de Jesus morrer por uma pessoa não a libera *automaticamente* da condenação. Nascermos, como todo mundo, ‘filhos da ira’ (Ef. 2.3). Enquanto não formos justificados, a ira de Deus permanece sobre nós mesmo tendo Jesus morrido em nosso lugar. Que Hodge, ele mesmo um calvinista, invalide esta objeção: Não existe graça alguma em aceitar uma satisfação pecuniária. Ela não pode ser confundida. Ela libera *ipso facto*. No momento em que a dívida é paga, o devedor fica livre; e isso sem nenhuma condição. Nada disso procede no caso da satisfação judicial. Se um substituto é providenciado e aceito, é uma questão de graça. Sua satisfação não libera *ipso facto*. Ela pode resultar em benefício daqueles por quem é feita imediatamente ou em um período remoto; completa ou gradualmente; sob condições ou incondicionalmente; ou jamais poderá beneficiá-los, a menos que atenda à condição sob a qual sua aplicação é suspensa.

Logo após ele ainda acrescenta que todos os homens estão na obrigação de crer em Cristo e, se não o fizerem, inevitavelmente perecerão *a despeito da satisfação feita por todos os seus pecados*". (Em: <<http://www.arminianos.com>>. Acesso em 31 maio 2014)

## A Bíblia fala ou não que o crente pode perder a salvação?

Não podemos negar que a Bíblia apresenta vários textos mostrando a segurança da salvação do crente em Jesus Cristo; e glória ao Senhor por esta garantia da parte de Deus! Contudo, penso que há também um grupo de versículos que precisam ser considerados e refletidos, pois eles apontam para o perigo do descuido para com a salvação por parte humana no tocante ao relacionamento com Deus e Sua palavra. Como

a presente obra defende uma ortodoxia anterior a Agostinho e o Concílio de Arles, dá-nos a entender justamente que “o fiel pode perder sua salvação, caso não persevere em santidade [...]” – então, traremos tais proposições bíblicas à tona. Queremos apenas que o leitor avalie e pense na problemática e continue firme na presença de Deus. Claro, não imagino que acordamos salvos e depois de alguns minutos estamos perdidos por causa de um conflito espiritual. Como veremos, a perda da salvação é relacionada sempre a “alguns” e não a “muitos”. No entanto, é importante ressaltar que dizer às pessoas que não se perde a salvação de jeito nenhum ou em hipótese alguma, como faz o calvinismo, é um tanto arriscado e censurável teologicamente, pois algumas pessoas podem pensar que isso é uma carta branca para pecar.

O site *midia gospel.com.br* mostra um debate sobre a questão aqui proposta e depois relaciona vários textos mostrando a visão Wesleyana da salvação, ou seja, que o homem deve perseverar na Graça para não perdê-la:

**“1 Pedro 5.8:** *‘Sede sóbrios, vigiai, porque o diabo, vosso adversário, anda em derredor, bramando como leão, buscando a quem possa tragar’;* O diabo não pode roubar nossa salvação, mas fica ao redor esperando uma oportunidade até que alguém lhe dê uma brecha para que ele possa trabalhar até a destruição.

**Apocalipse 2.5:** *‘Lembra-te, pois, de onde caíste, e arrepende-te, e pratica as primeiras obras; quando não, brevemente a ti virei e tirarei do seu lugar o teu castiçal, se não te arrependeres.’* Jesus manda essa mensagem para a igreja de Éfeso. Esta igreja havia abandonado a prática inicial das primeiras obras quando recebeu a salvação e agora está sendo alertada para se arrepender sob pena de perder a salvação.

**Apocalipse 2.11:** *‘Quem tem ouvidos ouça o que o Espírito diz às igrejas: O que vencer não receberá o dano da segunda morte.’* Esta é uma mensagem à igreja de Esmirna. Esta igreja não tinha defeitos, era perfeita, porém Jesus avisou que ela seria perseguida e sofreria afrontas, mas alertou que se ela falhasse na perseverança receberia o dano da segunda morte, ou seja, o inferno.

**Apocalipse 2.16:** *‘Arrepende-te, pois; quando não, em breve virei a ti e contra eles batalharei com a espada da minha boca.’* Esta é a mensagem para a igreja de Pérgamo, uma igreja que tolerava atos de idolatria. A advertência é para que se arrependa, caso contrário seria destruída pela palavra de Jesus.

**Apocalipse 2.21-22:** *‘E dei-lhe tempo para que se arrependesse da sua prostituição; e não se arrependeu. Eis que a porei numa cama, e sobre os que adulteram com ela virá grande tribulação, se não se arrependerem das suas obras.’* Tiatira é outra igreja que praticava a idolatria e Jesus alerta para o arrependimento sob pena de ser lançada no meio da tribulação.

Estamos analisando casos de igrejas que um dia estiveram com o certificado da salvação em mãos e que agora, devido a mudanças no comportamento, estão prestes a perder a salvação porque estão negligenciando a obediência à Palavra de Deus.

**Apocalipse 3.5:** *‘O que vencer será vestido de vestes brancas, e de maneira nenhuma riscarei o seu nome do livro da vida; e confessarei o seu nome diante de meu Pai e diante dos seus anjos.’* Sardes é outra

igreja que estava decadente e recebeu uma exortação ao arrependimento. E nesse caso Jesus fala claramente que aquele que não se arrepender terá o seu nome riscado do livro da vida, portanto, está claro que a salvação está em perigo e, dependendo da atitude tomada, poderá, sem dúvida, perder a salvação.

Observe que em todas as situações que estão sendo apresentadas, a perda da salvação depende exclusivamente da atitude do homem. Ninguém rouba a salvação se o homem não der essa chance. Portanto, o homem não perde a salvação por ação de terceiros, mas pode perdê-la negligenciando a Palavra de Deus.

**Apocalipse 3.11:** *'Eis que venho sem demora; guarda o que tens, para que ninguém tome a tua coroa.'* Filadélfia é outra igreja perfeita e sem defeitos. Também para essa igreja Jesus adverte para que se cuide a fim de que ninguém lhe roube a coroa. Isto significa que mesmo essa igreja perfeita pode perder a coroa se não perseverar em sua santidade diante de Deus.

**Apocalipse 3.19-21:** *'Eu repreendo e castigo a todos quanto amo; sê, pois, zeloso e arrepende-te. Eis que estou à porta e bato; se alguém ouvir a minha voz e abrir a porta, entrarei em sua casa e com ele cearei, e ele, comigo. Ao que vencer, lhe concederei que se assente comigo no meu trono, assim como eu venci e me assentei com meu Pai no seu trono.'* Laodicéia, uma igreja totalmente irregular, cheia de defeitos. Jesus está do lado de fora dessa igreja e está batendo na porta querendo entrar e, se essa igreja lhe abrir a porta, então, poderá estar com Jesus no reino de Deus. Uma igreja onde Jesus está do lado de fora não pode estar salva.

Observe que TODAS as igrejas, SEM EXCEÇÃO, receberam uma alerta para o arrependimento e/ou para a perseverança sob pena de perder a salvação. Se pelo menos UMA igreja não tivesse recebido essa exortação, então poderíamos dizer que somente essa única igreja estaria salva e todas as demais nunca teriam sido salvas." (Em: <<http://www.midiagospel.com.br>>. Acesso em 31 maio 2014)

Em outro site, o autor mostra indignação pelo fato de muitos não quererem discutir a questão:

"A maioria das respostas sobre essa questão negam a possibilidade de um crente perder a salvação da alma. Alguns aceitam a possibilidade, mas no caso apenas dizendo que o crente caído, na realidade nunca foi verdadeiramente crente e salvo. MAS, quem responde é a Bíblia Sagrada, a Palavra de Deus, interpretando-a. O único Deus verdadeiro, através do apóstolo Paulo, em 1Co 15.1 e 2, diz: *'Também vos notifico, irmãos, o evangelho que já vos tenho anunciado; o qual também recebestes, e no qual também permanecéis; Pelo qual também sois salvos, SE o retiverdes tal como vo-lo tenho anunciado; se não é que crestes em vão.'* Após a leitura dos assuntos publicados, reconsidere essa Palavra de Deus, através do apóstolo Paulo. Apenas nesta passagem, o apóstolo Paulo está dizendo objetivamente: **"PELO QUAL TAMBÉM SOIS SALVOS, SE RETIVER O EVANGELHO COMO FOI ANUNCIADO."** Será que eu conseguiria interpretar isso dizendo que não tem correspondência com a salvação?

Mais alguns textos da Bíblia: Carta do apóstolo Paulo aos Romanos 11.22, diz: *"Considera pois a bondade e a severidade de Deus: para com os que caíram, severidade; mas para contigo, a benignidade de Deus, SE permaneceres na sua benignidade; de outra maneira, também tu serás cortado."* No texto acima Paulo está se referindo aos de Israel e os gentios. Israel era a nação eleita (ramos naturais da oliveira, v. 24) e os gentios não eram da nação de Israel (ramos de zambujeiro, oliveira brava enxertados, v. 24). Assim, Paulo expressa que há a possibilidade de os que foram enxertados serem 'removidos', conforme o versículo 22 *"[...] SE permaneceres na sua benignidade [...]"* É bom ler todo o texto do capítulo 11 e ter a compreensão ampliada. Observe que não tirei o texto do contexto da exposição de Paulo. Segunda Carta do apóstolo Paulo aos Coríntios, capítulo 6, versículo 1, diz: *"E nós, cooperando também com ele, vos exortamos a que não recebais a graça de Deus em vão"*. Nota-se uma expressão comum nessas passagens: 'em vão'. Ou seja, 'inutilmente, sem valor algum'." (Em: <<http://www.blues.lord.com.br>>. Acesso em 01 junho 2014).

No site do CACP temos uma reflexão bastante interessante sobre esta questão. O título do artigo é – *"É possível um cristão perecer na sua vida cristã?"*. Veja:

"Segundo Roger Olson, em I Co 8.11, Paulo escreve ao cristão que insiste em ostentar sua liberdade para comer carne em um templo pagão, mesmo em vista dos cristãos que possuem uma consciência mais fraca e que podem, deste modo, 'tropeçar'.

*'E pela tua ciência **destruirá** o irmão fraco, pelo qual Cristo morreu.'*

Claramente, Paulo está dando uma advertência aterrorizante aos que possuem uma 'fé forte' para que evitem as consciências de seus irmãos mais fracos. Sua advertência é que ao exercer a liberdade cristã do legalismo muito publicamente, um cristão 'forte' pode, na verdade, fazer com que uma pessoa amada por Deus, por quem Cristo morreu, seja destruída. Se não houvesse nenhuma possibilidade de um cristão verdadeiro ter em risco sua salvação, a advertência de Paulo é uma ameaça vazia, pois isso não poderia acontecer, o que não é o caso.

Os crentes que acreditam apenas na possibilidade de que 'não se pode perder a salvação em hipótese alguma' argumentam que – 'o caso é de apenas um cristão poder ser ferido com a atitude do outro'. Entretanto, a palavra grega traduzida por 'destruído' é *apollytai*, que significa 'destruir, perecer, morrer'. É improvável que a palavra *apollytai* pudesse significar qualquer outra coisa, principalmente neste contexto, ou seja, a ideia é mesmo de que a morte espiritual é plausível. Segundo alguns insistem, o texto apenas significa 'ferir', mas por que a advertência de Paulo seria tão horrível neste caso? 'Por quem Cristo morreu' - soa como se Paulo estivesse dizendo que esta ofensa é assunto muito sério, seríssimo! A conjunção de 'por quem Cristo morreu' com apenas 'ferir ou danificar' simplesmente não carrega muito peso, diante do exposto no contexto. O sentido óbvio do texto é que Paulo está advertindo os cristãos de consciência mais forte a tomarem cuidado para que não causem a completa destruição e morte, em termos espirituais, do cristão mais fraco ou, pelo menos, de alguém por quem Cristo morreu." (Em: <<http://www.cacp.org.br>>. Acesso em 01 junho 2014)

O teólogo da Assembleia de Deus, Ciro Sanches, comenta efusivamente sobre a questão no seu artigo “*É Possível Perder a Salvação?*”. Ciro explicita uma linha de raciocínio que vale a pena acompanhar:

“O livro de Romanos é sempre evocado pelos predestinalistas quando se veem diante de questões que não conseguem responder, como a clara possibilidade de o salvo – se não tiver cuidado – perder a sua salvação (1Co. 15.1, 2; Hb. 6.4-6; 2Pe. 2.1, 20-22). Por isso, responderei a alguns questionamentos que tenho recebido acerca da aludida epístola, começando pelo capítulo 9. Depois, se Deus quiser, analisarei outros capítulos.

Creio que alguns predestinalistas continuarão desdenhando desta série, dizendo: ‘Pobre pentecostal, assembleiano, arminiano e semipelagiano’. Mas não tenho dúvidas do quanto o texto em apreço tem sofrido na mão dos predestinalistas, que o adaptam às suas teorias extrabíblicas.

Como se sabe, os predestinalistas não aceitam que o Senhor Jesus tenha morrido por toda a humanidade, tampouco admitem que a aceitação da graça se dá mediante o livre-arbítrio, opondo-se ao texto áureo da Bíblia (Jo. 3.16). Para eles, somente os eleitos antes da fundação do mundo estão, por decreto, definitivamente salvos, haja o que houver. E eles pensam ter toda a Bíblia a seu favor. É como se Deus fosse calvinista!

Como é perigoso apegar-se a passagens isoladas, que, fora do contexto, podem sugerir que Deus tenha eleito uns para a perdição e outros para a salvação, farei a partir de agora uma análise de Romanos 9 à luz do seu contexto imediato (toda Epístola de Romanos) e do seu contexto geral ou remoto (toda a Bíblia). E começarei pelo versículo 16, haja vista a sua aparente sugestão de que não existe o livre-arbítrio: *‘Assim, pois, isto não depende do que quer, nem do que ocorre, mas de Deus, que se compadece’*.

Observemos que o mencionado versículo não se refere ao meio pelo qual se recebe a salvação, e sim à fonte da salvação. A ênfase de que a salvação não depende do que quer, mas do compassivo Deus, não deve ser usada fora de contexto, com a finalidade de descartar a livre-vontade humana, necessária para o recebimento da salvação e sua manutenção, segundo a Bíblia (Jo. 1.12; 3.16; Rm. 10.9, 10; Ef. 2.8-10; 1Co. 15.1, 2; Ap. 20.12).

Se tomarmos como base outros textos neotestamentários, veremos que, conquanto a graça de Deus seja a fonte da salvação, o ser humano pode rejeitar essa dádiva divina, antes ou depois de ter sido salvo (2Pe. 3.9; At. 7.51; Rm. 9.22; Hb. 6.6; 2Pe. 2.20). Mas, e os versículos 21 e 22 de Romanos 9, pelos quais se mencionam os vasos da ira, preparados pelo Oleiro para a perdição?

Bem, quando a Palavra de Deus emprega a analogia dos vasos, a ênfase é para o fato de que, de acordo com a nossa resposta moral a Deus (cf. 2Tm. 2.20, 21), o vaso poderá ser moldado ou desfeito nas mãos do Oleiro (Os. 8.8, ARC). Quem lê atentamente Jeremias 18 sabe que o Senhor não ignora o livre-arbítrio. Ele mesmo disse, depois de ter apresentado a Jeremias uma analogia sobre um vaso que se quebrou na mão do oleiro: *‘Se a tal nação, contra a qual falar, se converter da sua*

*maldade, também eu me arrependerei do mal que pensava fazer-lhe'* (v. 8).

A luz do contexto geral da Bíblia, vasos da ira são os pecadores que recebem a ira de Deus por escolherem permanecer no pecado. Da mesma forma, os vasos de misericórdia são os pecadores que recebem a misericórdia de Deus (Rm. 9.23), ao crerem no evangelho de Cristo (Rm. 1.16). Os vasos da ira são objetos da ira divina porque se recusam a se arrepender. Daí o fato de Deus suportá-los com longanimidade (Rm. 9.22), isto é, esperar pacientemente por seu arrependimento (2Pe. 3.9). É claro que o argumento acima não convence uma mente predestinalista. Por quê? Porque, como está escrito no versículo 22 que os tais vasos da ira foram preparados para a destruição (ou perdição), acredita-se – ignorando-se o contexto – que a tal preparação para a perdição se deu antes da fundação do mundo. E, para advogar essa ideia, toma-se o próprio capítulo em apreço, pelo qual se afirma (segundo se pensa) que Jacó e Esaú já nasceram preparados para o que fariam no mundo.

Os versículos 11 a 13 de Romanos 9 parecem mesmo apoiar o fatalismo predestinalista, pelo qual se propaga a eleição arbitrária de indivíduos para salvação e perdição, antes da fundação do mundo. Afinal, o texto diz que Deus amou Jacó e aborreceu (odiou, rejeitou) Esaú. Parece mesmo não haver dúvidas de que o Senhor somente ama os eleitos e odeia os não-eleitos. Parece... Mas não é!

É preciso observar que a Palavra de Deus, através de Paulo, não está falando de indivíduos! Jacó (Israel) e Esaú (Edom) representam duas nações! Basta lermos com atenção Gn. 25.23 para chegarmos a essa conclusão. Não há, pois, apoio a uma eleição individual, e sim a uma eleição de povos e nações: Israel e Edom. O que houve antes de os gêmeos nascerem foi uma eleição corporativa, e não individual. A passagem em análise não diz que Deus odiou a pessoa de Esaú antes que ela tivesse nascido, nem que Ele amou a pessoa de Jacó antes de este ter vindo ao mundo! Prova disso é que o apóstolo Paulo não citou Gn. 25.23, diretamente, e sim Ml. 1.2, 3, que alude aos povos israelita e edomita.

Segue-se que a frase 'aborreci Esaú' não é uma menção à rejeição do homem Esaú, e sim à rejeição do povo edomita, em razão de seus terríveis pecados, como se lê em Números 20 e Obadias. Mas isso não significa que todos os edomitas estejam, de antemão, condenados em razão de pertencerem à nação de Edom (cf. Am. 9.12). A Palavra de Deus afirma que os indivíduos de cada nação podem ser salvos (Ap. 7.9). Não era Rute uma moabita, pertencente a um povo rejeitado por Deus?

É um erro, por conseguinte, acreditar que o texto de Romanos 9 alude à eleição de indivíduos que uma vez salvos, salvos para sempre. Paulo se refere à eleição do povo de Israel (cf. Rm. 10.1). O que a Palavra de Deus ensina em Romanos (toda a epístola) é o que se vê em toda a Bíblia. Deus elegeu um povo como nação sacerdotal, Israel (Êx. 19.5, 6), mas cada indivíduo tem de aceitar a graça de Deus pela fé, a fim de que seja salvo (Rm. 11.20). E isso também se aplica à Igreja (1Pe. 2.9, 10; Jo. 8.24).

Outrossim, o ódio de Deus a Esaú (Edom) precisa ser entendido de acordo com o sentido original da palavra usada para 'odiei' (ou 'rejeitei'). No hebraico, significa 'amar menos' e é o mesmo termo

aplicado ao sentimento de Jacó por Léia, o qual era inferior ao que ele nutria por Raquel (Gn. 29.30, 31). O seu sentimento por Léia não era de ódio, como que querendo vê-la sofrer. Na verdade, ele até teve filhos com ela! Mas Raquel era a sua preferida.

No Novo Testamento, o aludido hebraísmo também ocorre em Lc. 14.26, texto pelo qual aprendemos que, para seguirmos ao Senhor Jesus, amando-o acima de tudo, devemos amar menos (ou 'aborrecer') a nossa família (Mt. 10.37).

Nos versículos 14 e 15 do capítulo em apreço está escrito: *'Que diremos, pois? Que há injustiça da parte de Deus? De maneira nenhuma! Pois diz a Moisés: Compadecer-me-ei de quem me compadecer e terei misericórdia de quem eu tiver misericórdia'*. A citação de Paulo refere-se ao endurecimento de Faraó (Êx. 7.3, 4). Mas é importante enfatizar que não foi Deus quem primeiro endureceu o coração de Faraó (Êx. 7.13, 14, 22).

Faraó se obstinou em seu coração (Êx. 8.15), o qual permaneceu endurecido e obstinado, mesmo diante das pragas enviadas por Deus (Êx. 8.19, 32; 9.7, 34, 35). O Senhor apenas confirmou o que o próprio Faraó desejava fazer (Êx. 9.12; 10.1, 20, 27). Isso se conforma ao que está escrito em Rm. 1.21-28 acerca da depravação dos gentios, os quais, depois de terem se endurecido, ao rejeitarem a Deus, foram entregues pelo próprio Senhor a um sentimento perverso.

Fica claro que o endurecimento de Faraó se deu em razão de ele ter se firmado cada vez mais em seu pecado, a cada praga enviada ao Egito (cf. Pv. 29.1). Ademais, o termo hebraico usado para 'endurecer' denota 'fortalecer'; isto é, Deus apenas 'fortaleceu' o desejo que estava no coração de Faraó. Este foi abandonado às suas paixões infames e entregue a um sentimento perverso (Êx. 8.15), posto que não se importou em ter conhecimento de Deus (Jo. 12.37-50). Ainda em Romanos, o apóstolo Paulo discorre sobre essa dureza ocasionada pelo próprio pecador, e não por Deus (2.5).

Portanto, o texto de Romanos 9 de maneira alguma avaliza a predestinação incondicional de certas pessoas ao Inferno eterno, à parte do próprio livre-arbítrio delas. E, conseqüentemente, não abona o clichê antibíblico 'Uma vez salvo, salvo para sempre'. O ser humano, por si mesmo, nada pode fazer para salvar-se. Mas é inegável o fato de o Senhor ter dotado o homem de intelecto, sentimento e vontade, a fim de que ele receba ou não, pelo livre-arbítrio, a salvação, ou a rejeite, mesmo depois de tê-la recebido.

*'Como escaparemos nós, se não atentarmos para uma tão grande salvação [...]?'* (Hb. 2.3). (Em: <<http://www.arminianismo.com>>. Acesso em 02 junho 2014)

Carl B. Gibbs anota o seguinte sobre a problemática em questão:

"No século V Agostinho foi o primeiro erudito a ensinar que o crente nunca poderia perder a sua salvação. Uma vez salvo, permanecia salvo pelo restante da sua vida, independentemente das suas ações ou atitudes. Esta declaração deu início a um debate teológico que continua até os dias de hoje. Um dos maiores argumentos mostrando que se pode perder a salvação é a frequente menção condicional 'se', com respeito a salvação. Estas



declarações revelam o fato de que a salvação na experiência humana depende da situação do crente, manifesta em expressões bíblicas, como ‘permanecer em Cristo’, ‘continuar na fé’, ‘andar na luz’, e ‘não retroceder’ etc. Segue-se aqui uma lista de algumas destas frases:

- *‘Se alguém não estiver em mim, será lançado fora, como a vara, e secará; e os colhem e lançam no fogo, e ardem.’ (João 15.6).*
- *‘[...] e, na verdade, permanecerdes fundados e firmes na fé, e não vos moverdes da esperança do evangelho que tendes ouvido, o qual foi pregado a toda criatura que há debaixo do céu, e do qual eu, Paulo, estou feito ministro.’ (Colossenses 1.23).*
- *‘Pelo qual também sois salvos se o retiverdes tal como vo-lo tenho anunciado; se não é que crestes em vão.’ (1 Coríntios 15.2).*
- *‘Como escaparemos nós, se não atentarmos para uma tão grande salvação, a qual, começando a ser anunciada pelo Senhor, foi-nos depois confirmada pelos que a ouviram.’ (Hebreus 2.3).*
- *‘Visto que temos um grande sumo sacerdote, Jesus, Filho de Deus, que penetrou nos céus, retenhamos firmemente a nossa confissão.’ (Hebreus 4.14).*
- *‘Mas o justo viverá pela fé; E, se ele recuar, a minha alma não tem prazer nele.’ (Hebreus 10.38)*
- *‘Mas, se andarmos na luz, como ele na luz está, temos comunhão uns com os outros, e o sangue de Jesus Cristo, seu Filho, nos purifica de todo o pecado.’ (1 João 1.7).”*

(GIBBS, Carl B. A Doutrina da Salvação. 1999, p. 165)

Geralmente o que deixa arrepiados os defensores do último ponto da TULIP é a questão da apostasia. Como ter um apóstata sem ter um perdido da verdadeira fé e da real conversão? E o termo “Apostasia” parece mesmo indicar um real cataclismo na vida de um salvo. Segundo alguns pesquisadores (Confira Dicionário Bíblico, Williams – Vida Nova), a palavra era usada no contexto político grego. Para alguém apostatar era preciso ser membro de um partido da sociedade helênica. Quando a pessoa, de livre vontade e escolha, decidia sair do seguimento partidário que frequentava e procurava outro partido de cosmovisão antagônica, este indivíduo cometia a apostasia e se tornava um apóstata renegado. O contexto cultural e etimológico da palavra mostra que era impossível alguém apostatar sem ter sido membro de um partido. Assim, como veremos nos comentários abaixo, tudo indica que a palavra “*apostasia*” dentro da ótica teológica adverte para a possibilidade da queda soteriológica do crente.

A Wikipédia traz uma definição bastante relevante para o nosso debate:

“Apostasia (em grego antigo ἀπόστασις [apóstasis], "estar longe de") tem o sentido de um afastamento definitivo e deliberado de alguma coisa, uma renúncia de sua anterior fé ou doutrinação. Ao contrário da crença popular, não se refere a um mero desvio ou um afastamento em relação à sua fé e à prática religiosa. Pode manifestar-se abertamente ou de modo oculto.” (Em: < <http://www.pt.wikipedia.org/wiki/Apostasia>>. Acesso em 02 junho 2014)

A enciclopédia “International Standard Bible” e a “Pequena Enciclopédia Bíblica” de Boyer corroboram no seguinte sobre a temática:

“Apostasia: (η αποστασια, he apostasía, ‘um desvio de’): ou seja, uma queda, uma retirada, uma deserção. Não encontrado nas versões da Bíblia em Inglês, mas utilizado duas vezes no Novo Testamento, no grego original, para exprimir o abandono da fé. Paulo foi falsamente acusado de ensinar os judeus uma apostasia contra Moisés (Atos 21.21), ele previu a grande apostasia do cristianismo, anunciada por Jesus (Mateus 24.10-12), o que precederia o ‘dia do Senhor’ (2 Tessalonicenses 2.2). Apostasia, não no nome, mas na verdade, possui uma reprovação mordaz na epístola de Judas, por exemplo, a apostasia dos anjos (Judas 1.6). Anunciada, com advertências, como certeza de que abundam nos últimos dias (1 Timóteo 4.1-3; 2 Tessalonicenses 2.3; 2 Pedro 3.17). Causas da: perseguição (Mateus 24.9, 10); falsos professores (Mateus 24.11); tentação (Lucas 8.13); secularismo mundano (2Timóteo 4.4); defeituoso conhecimento de Cristo (1 João 2.19); colapso moral (Hebreus 6:4-6); abandono da adoração e vida espiritual (Hebreus 10.25-31); incredulidade (Hebreus 3.12). Exemplos Bíblicos: Saul (1 Samuel 15.11); Amazias (2 Crônicas 25.14, 27); muitos discípulos (João 6:66); Himeneus e Alexandre (1 Timóteo 1.19, 1Timóteo 1.20); Demas (2 Timóteo 4.10). Para ver mais ilustrações nesse caso: Deuteronomio 13.13; Zacarias 1.4-6; Gálatas 5.4; 2 Pedro 2.20, 21.

‘Abandono de Yahweh’ era a característica do retorno ao pecado do povo eleito, sobretudo no seu contato com as idólatras nações. É constituído seu supremo perigo nacional. A tendência apareceu em seus primeiros dias na história, como visto em abundância de avisos e proibições das leis de Moisés (Êxodo 20.3, 4, 23; 6.14; Deuteronomio 11.16). As conseqüências da temerosa apostasia religiosa e moral aparecem nas maldições pronunciadas contra este pecado, no monte Ebal, pelos representantes de seis das tribos de Israel, eleitos por Moisés (Deuteronomio 27.13-26; 28.15-68). Então, exausto estava o coração de Israel, mesmo nos anos imediatamente seguintes à emancipação nacional, no deserto, que Josué achou necessário voltar a promessa de toda a nação para um novo voto de fidelidade a Yahweh e à sua aliança original antes de serem autorizados a entrar na Terra Prometida (Josué 24.1-28). Infidelidade a este pacto eliminaria as perspectivas da nação do crescimento durante a época dos juizes (Juizes 2.11-15; 10.6; 10.10; 10.13; 1 Samuel 12.10). Foi a causa prolífica e cada vez mais má, cívica e moral, desde os dias de Salomão até o cativo Assírio e Babilônico. Muitos dos reis do reino apóstata dividido, levando as pessoas, como no caso de Roboão, para as formas asquerosas de idolatria e imoralidade (1 Reis 14.22-24; 2 Crônicas 12.1).

Conspícuos exemplos de tais apostasias régias são de Jeroboão (1 Reis 12.28-32); Acabe (1 Reis 16.30-33); Acázias (1 Reis 22.51-53); Jeorão (2 Crônicas 21.6, 10, 21.12-15); Acáz (2 Crônicas 28.1-4); Manassés (2 Crônicas 33.1-9); Amom (2 Crônicas 33.22). A profecia surgiu como um imperativo Divino para protestar contra esta tendência histórica de deserção da religião de Yahweh.

No grego clássico, apostasia significava revolta de um comandante militar. Na Igreja Católica Romana, denota abandono das ordens religiosas; renúncia da autoridade eclesiástica; defecção da fé [...]. Um apóstata da defecção da fé pode ser intelectual, como no caso de Ernst Haeckel, que, devido à sua filosofia materialista, publica e formalmente renunciou o Cristianismo e a Igreja, ou ele pode ser moral e espiritual, como aconteceu com Judas, que, pela imunda ganância traiu seu Senhor.”

O Novo Dicionário da Bíblia das Edições Vida Nova, volume 1, edição de 1979, coloca a questão da seguinte perspectiva:

“A apostasia é um perigo contínuo para a Igreja e o Novo Testamento contém advertências repetidas contra a mesma (Cf. I Tm. 4.1-3; II Ts. 2.3; II Pe. 3.17). Sua natureza é deixada clara: é decair da fé (I Tm. 4.1) e desviar-se do Deus vivo (Hb. 3.12). Aumenta em períodos de crise especial (Mt. 24.9-10, Lc. 8.13) e é encorajada pelos mestres (Mt. 24.11, Gl. 2.4), que seduzem os crentes para pureza da palavra com outro evangelho (Gl. 1.6-8, II Tm. 4.3-4, II Pe. 2.1-2; Jd. 3,4). A impossibilidade de restauração após a apostasia é solenemente frisada (Hb. 6.3-6, 10.26).”

O escritor Orton H. Wiley engrossa o caldo sobre o assunto ao conjecturar que o texto de Hebreus 6.4-6 declara, exegeticamente, a real possibilidade de um cristão perder sua salvação. Ele cita um erudito calvinista chamado Adam Clark que explanou o seguinte da escritura:

“É evidente, pois, em vista da estrutura gramatical do texto, que o autor (de Hebreus) pretende dizer ser possível que os cristãos, mesmo após altas realizações espirituais, caiam da graça de Deus para a apostasia total [...].” (WILEY, Orton H. A Excelência da Nova Aliança em Cristo. 2008, p. 293).

Você já reparou quantas advertências temos no Novo Testamento acerca da necessidade de vigiarmos pela nossa vida espiritual? O próprio Senhor deu muita ênfase a esta necessidade. Por exemplo, em Marcos 13.32-37, em somente seis versículos, Ele ressalta seis vezes que devemos "ficar atentos", "não sermos encontrados dormindo" e "vigiarmos". Vigiar significa cuidar atentamente, zelar, observar com cuidado, proteger contra perigos, ser prudente, antecipar perigos e ameaças. Portanto, vigie e não descuide da sua salvação.

## REFUTANDO ALGUMAS IDEIAS ESTRANHAS

- Deus é o autor do mal?

Isaías 45.7 – “*Eu formo a luz, e crio as trevas; eu faço a paz, e crio o mal; eu, o Senhor, faço todas estas coisas*” – aponta Deus como criador do mal. Por causa disso o calvinismo acha que Deus é amoral podendo fazer tanto o bem como o mal.

Argumenta um dos teólogos do calvinismo: “Nada acontece contrário ao seu decreto. Nada acontece por acaso. Até o mal moral, que Ele abomina e proíbe, ocorre ‘pelo determinado conselho e presciência de Deus’.” (W.G.T. Shedd, *Calvinism: Pure and Mixed*, p. 38-39).

Norman Geisler rebate bem a questão:

“A Bíblia é clara ao dizer que Deus é moralmente perfeito (cf. Dt. 32.4; Mt. 5:48), e que lhe é impossível pecar (Hb. 6.18). Ao mesmo tempo, sua absoluta justiça exige que ele puna o pecado. Este juízo assume ambas as formas: temporal e eterna (Mt. 25.41; Ap. 20.11-15).

Na sua forma temporal, a execução da justiça de Deus às vezes é chamada de ‘mal’, porque parece ser um mal aos que estão sujeitos a ela (cf. Hb. 12.11). Entretanto, a palavra hebraica correspondente a ‘mal’ (*rá*) empregada no texto nem sempre tem o sentido moral. De fato, o contexto mostra que ela deveria ser traduzida como ‘calamidade’ ou ‘desgraça’, como algumas versões o fazem (por exemplo, a BJ). Assim, se diz que Deus é o autor do ‘mal’ neste sentido, mas não no sentido moral – pelo menos não de forma direta.

Além disso, há um sentido indireto no qual Deus é o autor do mal em seu sentido moral. Deus criou seres morais com livre escolha, e a livre escolha é a origem do mal de ordem moral no universo. Assim, em última instância, Deus é responsável por fazer criaturas morais, que são responsáveis pelo mal de ordem moral. Deus tornou o mal *possível* ao criar criaturas livres, mas estas, em sua liberdade, fizeram com que o mal se tornasse *real*. É claro que a possibilidade do mal (i.e., a livre escolha) é em si mesma uma boa coisa.

Portanto, Deus criou apenas boas coisas, uma das quais foi o poder da livre escolha, e as criaturas morais é que produziram o mal. Entretanto, Deus é o autor de um universo moral, e neste sentido indireto, ele, em última instância, é o autor da possibilidade do mal. É claro, Deus apenas *permitiu* o mal, jamais o *promoveu*, e por fim irá produzir um bem maior através dele (cf. Gn. 50.20; Ap. 21-22).” (Em: < <http://ww.cacp.org.br>>. Acesso em 02 Maio 2014)

- Deus é autor do pecado?

Declaram alguns calvinistas:

*“Deus não só viu de antemão a queda do primeiro homem e nela a ruína de sua posteridade, mas também por seu próprio prazer a ordenou.”* (CALVINO, João. Institutas da Religião Cristã. Livro III, cap. 23, Seção 7).

*“Embora sua perdição de tal maneira dependa da predestinação divina, a causa e a substância dela (perdição) estão ambas neles (homens) [...]. Portanto, o homem cai porque assim o ordenou a providência de Deus; no entanto, cai por falha sua.”* (CALVINO, João. Institutas da Religião Cristã. Livro III, cap. 23, Seção 8).

*“Claramente foi da vontade de Deus que o pecado entrasse neste mundo, caso contrário não teria entrado, pois nada acontece, exceto o que Deus eternamente decretou. Além disso, houve mais do que uma simples permissão, pois Deus só permite coisas que realizam o seu propósito.”* (PINK, A.W. The Sovereignty of God, p. 162).

*“Nem mesmo a obra do pecado parte de qualquer outra pessoa a não ser Deus.”* (ZWINGLIO, Ulrich. On the Providence of God).

*Willian Lane Craig*, no entanto, critica esta lógica calvinista:

*“O Determinismo calvinista faz de Deus o autor do pecado e impede a responsabilidade humana. Na visão determinista até o movimento da vontade humana é causado por Deus. Deus move as pessoas a escolherem o mal, e eles não podem fazer o contrário. Deus determina suas escolhas e os faz cometer injustiças. Se é mau constranger outra pessoa a fazer o mal, então, sob esta visão, Deus não é apenas a causa do pecado e do mal, mas torna-se o próprio mal, o que é absurdo. Da mesma forma, toda a responsabilidade humana pelo pecado foi removida, pois, nossas escolhas não são realmente nossas: Deus nos leva a fazê-las. Nós não podemos ser responsáveis por nossas ações, pois nada daquilo que pensamos ou fazemos é realizado por nós.”* (Em: < <http://ww.cacp.org.br>>. Acesso em 02 Maio 2014)

A conclusão do calvinismo sobre “Deus e o pecado” é um contrassenso, pois Deus não pode ser o autor do pecado. Isto colide diretamente com a Escritura (Sl. 92.15; Tg. 1.13; 1 Jo. 1.5), a lei de Deus e Sua santidade, que se opõem totalmente a todo pecado.

- Jesus é o arcanjo Miguel?

A doutrina de que Jesus é o arcanjo Miguel é considerada por muitos como uma heresia peculiar das Testemunhas de Jeová. De fato, as Testemunhas ensinam com frequência que Jesus é idêntico a Miguel, tanto em sua existência pré-humana, como depois de ter voltado ao céu após sua ressurreição. O que dizem as páginas 828 e 829 do manual da Torre de Vigia intitulado *ESTUDO PERSPICAZ DAS ESCRITURAS* (1991, vol. II) é um exemplo disso.

Os Adventistas do Sétimo Dia também comentam essa tamanha heresia afirmando que:

“Moisés passou pela morte, mas Cristo desceu e lhe deu vida antes que seu corpo visse a corrupção. Satanás procurou reter o corpo, pretendendo-o como seu; mas Miguel ressuscitou Moisés e levou-o ao Céu. [...] Satanás maldisse amargamente a Deus, acusando-o de injusto por permitir que sua presa lhe fosse tirada; Cristo, porém, não repreendeu a Seu adversário, embora fosse por sua tentação que o servo de Deus houvesse caído. Mansamente remeteu-o a Seu Pai, dizendo: ‘O Senhor te repreenda’.” (WHITE, Ellen G. Primeiros Escritos. Tatuí – SP: Casa Publicadora, 1995. p. 164)

Talvez alguém queira, então, saber o que isso tem a ver com esta obra literária chamada *Calvinismo Recalcitrante*. Explico, é que o reformador João Calvino cometeu a mesma conjectura dizendo que: *“Alguns acreditam que a palavra Miguel representa Cristo, e eu não me oponho a esta ideia [...] eu incluo o sentido que eles relacionaram este à pessoa de Cristo”*. (CALVINO, João. Um comentário sobre Daniel. Edimburgo, reimpressão de 1995, vol. II, p. 253 - 369).

Claro que os calvinistas também rechaçam isso como uma heresia, mas relutam em admitir qualquer questionamento na doutrina “tulipiana” dos cinco pontos Soteriológicos de João Calvino. Quando os *remonstrantes* (arminianos) quiseram e solicitaram, para reavaliar as conjecturas da doutrina, foram enxovalhados e pejorativamente adjetivados de sectários (alguns até foram mortos e queimados como hereges). Desde então, os calvinistas têm se colocado em uma posição jactanciosa diante de uma questão que é teologicamente complexa ante a magnitude do tema. Assim como ele errou em comparar Jesus a um anjo, com certeza outros pontos precisam ser reavaliados sem medo e pela simplicidade da Palavra.

Mas por que é heresia chamar Jesus de Anjo?

Porque Jesus é Criador (Jo. 1.3; Cl. 1.15-16) e Miguel é uma criatura celestial, criada pelo próprio Jesus. Os anjos não podem ser adorados (Cl. 2.18; Ap. 22.8-9) ao passo que Jesus é adorado pelos próprios anjos (Hb. 1.6; Ap. 5.11-13). Miguel é um dos primeiros príncipes (Dn. 10.13) indicando com isso que existem outros iguais a ele; entretanto, Jesus é o Unigênito do Pai, mostrando que não existe outro igual a Ele (Jo. 1.14; 3.16).

- Maria sempre foi virgem?

Um site de apologética católica nos dá uma desconfortante informação sobre a questão de João Calvino e a sua firme crença na virgindade perpétua de Maria:

“João Calvino e outros reformadores tinham uma devoção a Maria. Seguem-se citações [...]. Ele diz que ela [Maria de Cleófas] era a

irmã da mãe de Jesus e, dizendo isso, ele adota a fraseologia da língua hebraica, que inclui primos e outros parentes, sob o termo 'irmãos'. (Comentário do Evangelho Segundo João, em João 19.25). A palavra 'irmãos', como temos anteriormente mencionado, é empregada de conformidade com a expressão hebraica, para designar qualquer parente e, por conseguinte, Helvídio exibiu grande ignorância em concluir que Maria deve ter tido muitos filhos, porque várias vezes são mencionados os 'irmãos' de Cristo. (Comentário sobre a harmonia dos evangelistas Mateus, Marcos e Lucas, vol. II, p. 215 em Mateus 13.55) (Em: <<http://www.sentircomaireja.blogspot.com.br>>. Acesso em 03 junho 2014).

Em um artigo escrito no site do CACP, vemos a seguinte resposta para a doutrina da virgindade perpétua de Maria:

“O CATOLICISMO ROMANO ensina que Maria sempre foi virgem, isto é, que ela nunca praticou uma relação sexual, mesmo depois que Jesus nasceu. Quando a Bíblia se refere então aos ‘irmãos e irmãs’ de Jesus (Mt. 13.55-56), na verdade ela está se referindo a primos ou a parentes próximos?

É verdade que as palavras para irmão ou irmã podem referir-se a um parente próximo. O sentido, porém, tem de ser determinado pelo contexto e por outros textos das escrituras. E no caso dos irmãos e irmãs de Jesus, o contexto indica que se trata realmente dos meios-irmãos e meias-irmãs de Jesus.

Primeiro, em parte alguma a Bíblia afirma a doutrina da perpétua virgindade de Maria. Tal como a doutrina católica de que Maria nunca pecou, não há em toda a Bíblia nada que suporte esse ensino.

Segundo, quando o termo ‘irmãos e irmãs’ é empregado em conjunto com ‘pai’ ou ‘mãe’, então o sentido não é o de primos e primas, mas sim de irmãos e irmãs mesmo (cf. Lc 14.26). Tal é o caso a respeito das menções dos irmãos e irmãs de Jesus. Mateus 13.55 diz: *‘Não é este o filho do carpinteiro? Não se chama sua mãe Maria, e seus irmãos, Tiago, José, Simão e Judas?’* (cf. Mc. 6.3).

Terceiro, há outras referências na Bíblia aos irmãos de Jesus. João nos informa de que *‘nem mesmo os seus irmãos criam nele’* (Jo. 7.5). E Paulo fala de *‘Tiago, o irmão do Senhor’* (Gl. 1.19). Em outra ocasião, Marcos refere-se a *‘sua [de Jesus] mãe e seus irmãos’* (Mc. 3.31). João falou de *‘sua mãe, seus irmãos e seus discípulos’* (Jo. 2.12). Lucas menciona que estavam no cenáculo *‘Maria, mãe de Jesus, e com os irmãos dele’*. (At. 1.14).” (Em: <<http://www.cacp.org.br>>. Acesso em 03 Maio 2014)

#### • Sinergismo é semipelagianismo?

O pelagianismo foi uma teoria teológica cristã, atribuída a Pelágio da Bretanha (350-423). Sustenta basicamente que todo homem é totalmente responsável pela sua própria salvação e, portanto, não necessita da graça divina. Segundo os pelagianos, todo homem nasce “moralmente neutro”, sendo capaz, por si mesmo, sem qualquer influência divina, de salvar-se quando assim o desejar. Outra afirmação do pelagianismo é a negação da

queda humana e do pecado original. Tanto calvinistas, como arminianos e wesleyanos não aceitam esse tipo de tese.

O teólogo Cortez, do site *marccortez.com*, elaborou um artigo relevante sobre isso, leia:

“Frequentemente ouço pessoas insinuarem que dizer que os seres humanos ‘cooperam’ com a graça de Deus em um processo de salvação (sinergismo) é essencialmente a mesma coisa que a heresia do semipelagianismo; isto é, a ideia de que o esforço humano tem ao menos uma parte de responsabilidade ao iniciar o processo da salvação. Implícito por trás desta afirmação parece estar a ideia de que qualquer coisa que não seja calvinismo está na fronteira da heresia. Não é bem uma heresia escancarada (pelagianismo), mas bem próximo (semipelagianismo).

Existem tanto razões históricas quanto teológicas para rejeitar esta afirmação. Historicamente, deveríamos, pelo menos, reconhecer que o semipelagianismo foi um movimento que surgiu depois da época de Pelágio, estava principalmente associado com certos grupos monásticos no 5º e 6º séculos e foi condenado como herético no Segundo Concílio de Orange (529 d.C.). Portanto, historicamente, chamar alguém de semipelagiano seria chamá-lo de herético – não apenas quase herético. Teologicamente não é verdade que os sinergistas são necessariamente semipelagianos. E aqui se torna muito importante definirmos os nossos termos.

**[Monergismo calvinista:** afirma que a salvação emana toda ela de Deus, que salva os eleitos através de uma graça irresistível, independente da vontade ou escolha humana.]

**Pelagiano:** qualquer sistema em que o ser humano seja capaz de alcançar a salvação inteiramente por si mesmo sem a assistência divina, além da graça comum (isto é, a graça necessária para que qualquer ‘ser’ exista). Além do fato que o pelagianismo negou o pecado original.

**Semipelagianismo:** qualquer sistema em que o processo de salvação seja iniciado pelo ser humano sem assistência da graça, a não ser da graça comum, mas no qual o processo de salvação é sinergicamente completado pela interação cooperativa divina e humana.

**Sinergismo:** qualquer sistema que afirme algum tipo de cooperação interativa divina e humana no processo da salvação. (Deus inicia o processo e o homem responde ou não a Ele).

Baseado nestas definições, podemos chegar às seguintes conclusões:

Pelagianos não são sinergistas: De acordo com sua (pelagianos) visão, a salvação é obtida apenas pelo ser humano.

Semipelagianos são sinergistas: Para eles, o processo da salvação requer a interação cooperativa tanto divina quanto humana.

Sinergistas não são pelagianos e não são, necessariamente, semipelagianos: é totalmente possível declarar a interação cooperativa divina e humana e ao mesmo tempo afirmar que o processo de salvação inicia-se inteiramente pela graça salvífica de Deus (não a graça comum). Por exemplo, a ideia de ‘*graça preveniente*’ afirma que nenhum ser humano é capaz de iniciar a salvação, mas que a graça de Deus ‘precede’ e capacita os seres humanos a responderem corretamente. Independentemente da sua opinião sobre esta visão, ela afirma



tanto que a graça de Deus inicia a salvação ('precede') como também que a pessoa humana deve cooperar ao responder. Portanto, é sinérgico, porém não é pelagiano e nem semipelagiano.

Usando estas (breves) definições, podemos dizer que muitas soteriologias proeminentes são sinérgicas, mas não semipelagianas (por exemplo: Wesleyanos). Quando teólogos fazem generalizações dizendo que todos os sinérgicos são semipelagianos, questionam a ortodoxia de grandes segmentos do cristianismo, incluindo quase todos os Pais da Igreja. Entenda este artigo como um apelo a todos os calvinistas monérgicos. Por favor, pare de afirmar que o sinérgico é simplesmente semipelagianismo. Esta afirmação não é histórica nem teologicamente correta." (Em: <<http://www.marccortez.com>>. Acesso em 20 maio 2014; colchetes do autor).

- Deus pode deixar-se limitar?

*"Voltaram atrás, e tentaram a Deus, e limitaram o Santo de Israel."* (Sl. 78.41 ARC)

De acordo com o calvinismo, se um homem resiste a Deus ou impede Seus propósitos, então, Deus não é mais um Deus Soberano e o homem deve ser soberano – o engraçado é que João Calvino acreditava que Adão teve livre arbítrio, mas será que Deus não era soberano no Éden?

A ideia dos fatalistas, ao defender tal linha de raciocínio, é dizer que é impossível um homem aceitar ou rejeitar a salvação de Deus. Mas o caso é que a Bíblia diz que o homem resiste e recusa Deus a cada ocasião e isto tem ocorrido desde os primórdios da existência humana: Adão rejeitou a Palavra de Deus. Caim a abdicou, a geração de Noé a recusou. Os homens reunidos na Torre de Babel a abandonaram. Quando o salmista conta a experiência de Israel no deserto ele enfatiza o fato de que Israel não fez a vontade de Deus. Ele os descreve como *"geração obstinada e rebelde"* (Sl. 78.8) que *"se recusou a caminhar em Sua lei"* (Sl. 78.10). Ele faz, então, a seguinte afirmação que derruba toda a tese calvinista: *"eles limitaram o Santo de Israel"* (Sl. 78.41).

De acordo com o pensamento dos deterministas fatalistas, isto não é aceitável e, se fosse plausível, constituiria que Deus não é soberano, mas é óbvio que os discípulos de João Calvino estão errados em ambos os relatos. Pois o fato de o Senhor ter, soberanamente, feito o homem à Sua imagem com uma vontade e uma desenvoltura para fazer escolhas reais; e o fato de Deus consentir aos homens exercerem sua vontade mesmo na questão de receber salvação, nada disso faz de Deus menos soberano do que se Ele tivesse criado um robô. E não é válido, pela Bíblia, o calvinista alegar que o homem pode resistir a Deus em algumas coisas, mas não em questões de salvação.

Se o homem pode resistir, rejeitar e limitar Deus de alguma forma e se, mesmo assim, Deus pode ainda ser Deus, então, Deus pode ainda ser Deus oferecendo salvação a todos; alguns a recebendo e outros a rejeitando, como a Bíblia diz tão claramente: *"E o Espírito e a esposa dizem: Vem. E quem ouve, diga: Vem. E quem tem sede, venha; e quem quiser, tome de graça da água da vida"*. (Ap. 22.17 ARC)

O autor David Cloud, acrescenta ainda o seguinte:

*"Jesus repreendeu as cidades de Israel porque elas não se arrependeram – 'Então começou ele a lançar em rosto às cidades onde*

*se operou a maior parte dos seus prodígios o não se haverem arrependido, dizendo: Ai de ti, Corazim! Ai de ti, Betsaida! Porque, se em Tiro e em Sidom fossem feitos os prodígios que em vós se fizeram, há muito que se teriam arrependido, com saco e com cinza. Por isso eu vos digo que haverá menos rigor para Tiro e Sidom, no dia do juízo, do que para vós. E tu, Cafarnaum, que te ergues até aos céus, serás abatida até aos infernos; porque, se em Sodoma tivessem sido feitos os prodígios que em ti se operaram, teria ela permanecido até hoje. Eu vos digo, porém, que haverá menos rigor para os de Sodoma, no dia do juízo, do que para ti.’ (Mt. 11.20-24 ARC)*

Jesus não trata com os homens à base da eleição soberana e da reprovação soberana. Ele tratava com os homens à base da responsabilidade humana para responder ao divino chamado ao arrependimento. Cristo ensina aqui que os homens não só são responsáveis por se arrepender, mas [também] podem se arrepender, se quiserem. Se eles não se arrependeram, por que eles seriam repreendidos como se tivessem se arrependido? Se alguns homens não podem se arrepender, por que todos os homens são comandados a se arrepender (*“Mas Deus, não tendo em conta os tempos da ignorância, anuncia agora a todos os homens, e em todo o lugar, que se arrependam;”* At. 17.30 ARC).” (Em: <<http://www.solascriptura-tt.org/>>. Acesso em 03 junho 2014)

- Os “camelos” engolidos por Calvino

O site *solascriptura* tem um desabafo de um dos seus pesquisadores que, depois de muitos anos de estudo, resolveu discordar do sistema “reformado calvinista” e que achamos bastante produtivo reverberar aqui nesta obra tais conclusões:

“Tendo lido as Institutas de Calvino e tendo estudado os escritos de muitos calvinistas antigos e contemporâneos, estou convencido de que Calvino foi culpado de coar [adotar] mosquitos e engolir [destruir] camelos. Aceitar o calvinismo (em qualquer de suas formas) é negar os ensinamentos claros de dúzias de Escrituras.

Examinei o calvinismo muitas vezes durante os 33 anos desde que fui salvo. A primeira vez foi logo depois de me converter, quando estava numa Faculdade Bíblica e o calvinismo foi um dos muitos tópicos que eram persistentemente discutidos pelos alunos. Eu nunca tinha ouvido sobre o calvinismo antes disso e não sabia o que pensar a respeito, então li *A Soberania de Deus*, de Arthur Pink e alguns outros títulos sobre o assunto, desejando entendê-lo e saber se era escritural ou não. Alguns dos alunos se tornaram calvinistas, mas eu concluí que, embora o calvinismo tenha alguns pontos positivos sobre a soberania de Deus e, embora eu pessoalmente aprecie o modo como ele exalta a Deus acima do homem, e embora eu concorde com seu ensinamento que a salvação é 100% de Deus, e embora eu despreze e rejeite o esquema de ganhar almas raso, manipulador e centrado no homem (tão comum entre batistas independentes), e embora ele pareça ser apoiado por algumas Escrituras, a linha base para mim é que ele [o calvinismo] acaba se contradizendo em relação a muitas Escrituras claras.

No ano 2000 fui convidado a pregar a uma conferência sobre calvinismo na Universidade Batista da Herança [Heritage Baptist University] em Greenwood, Indiana, que ocorreu posteriormente, em abril de 2001. A conferência foi oposta ao calvinismo e concordei em falar, porque era simpático a tal posição [oposta ao calvinismo], desde que examinei pela primeira vez o assunto na Escola Bíblica. Antes de dar a mensagem da conferência, no entanto, eu queria reexaminar o calvinismo de maneira mais profunda. Contatei Dr. Peter Masters em Londres, Inglaterra e discuti o assunto do calvinismo com ele. Disse-lhe que o amava e o respeitava em Cristo e também amava e respeitava seu antecessor, Charles Spurgeon, embora não concordasse com nenhum deles sobre o calvinismo (ou com alguns itens, de fato). Disse ao Dr. Masters que queria que ele me relatasse que livros ele recomendaria para eu compreender adequadamente o que ele acredita sobre o assunto (sabendo haver muitas variedades de calvinismo). Eu não queria representar mal coisa nenhuma. Entre outras coisas, Dr. Masters recomendou que eu lesse os "Institutos da Religião Cristã" [Institutes of the Christian Religion] de Calvino e "Spurgeon versus os Hiper-Calvinistas" [Spurgeon vs. the Hyper-Calvinists], de Iain Murray, o que eu fiz.

Nos últimos anos reinvestiguei novamente o calvinismo por ambos os lados. Li "Que Amor é Este" [What Love Is This?] de Dave Hunt e "As Dúvidas Honestas de um Calvinista Resolvidas pela Razão e a Maravilhosa Graça de Deus" [A Calvinist's Honest Doubts Resolved by Reason and God's Amazing Grace]. Li "Debatendo o Calvinismo: Cinco Pontos, Duas Visões" [Debating Calvinism: Five Points, Two Views], de Dave Hunt e James White. Reli cuidadosamente "A Soberania de Deus" [The Sovereignty of God] de Arthur Pink, assim como "A Confissão de Fé de Westminster" [Westminster Confession of Faith]. Estudei também em torno de 100 páginas de materiais publicados em defesa do calvinismo pela Faculdade Bíblica do Extremo Oriente [Far Eastern Bible College], em Singapura. Esta é uma Escola Bíblica Presbiteriana.

No melhor do meu conhecimento, estudei esses materiais com o único desejo de saber a verdade e com a boa vontade de seguir a verdade aonde quer que ela me levasse.

Assim, enquanto não li cada livro sobre este assunto que poderia ser recomendado por meus leitores, fiz um considerável esforço para entender o calvinismo adequadamente e para não representá-lo mal (embora eu tivesse aprendido que um não calvinista SEMPRE será acusado de má-representação).

O calvinista sem dúvida questionará que eu simplesmente não entendi adequadamente o calvinismo e a isso respondo que, se o calvinismo é tão complicado, não pode ser a verdade. Se um pregador razoavelmente inteligente que estudou e ensinou a Bíblia diligentemente por 32 anos e publicou uma enciclopédia bíblica e muitos outros estudos bíblicos pode estudar o calvinismo com um desejo de entendê-lo adequadamente e ainda não o entende, então ele [o calvinismo] é muito complicado para ser verdadeiro! O apóstolo Paulo advertia que é o diabo que torna a teologia tão complicada. 'Mas temo que, assim como a serpente enganou Eva com a sua astúcia, assim também sejam de alguma sorte corrompidos os vossos sentidos, e se apartem da simplicidade que há em Cristo.' (2Co. 11.3 ARC). Claro que calvinismo não é simples, de

forma nenhuma, e esta é uma razão porque ele produz uma mentalidade elitista. Para entender o calvinismo, deve-se lidar com compatibilidade, monergismo versus sinergismo, graça eleitora versus a graça irresistível, chamado eficaz versus chamado geral, expiação-propiciação eficaz versus expiação-propiciação hipotética, livre vontade libertariano versus livre vontade escravizada a submissão da vontade, graça objetiva versus graça subjetiva, habilidade natural vs habilidade moral, imputação do pecado de Adão mediata vs imediata (...), vontade desiderativa vs decretiva, e vontade hipotética antecedente, para citar alguns!

Além disso, o calvinista argumentará que a razão por que estudei o calvinismo e o rejeitei é porque penso que o homem deve ser igual a Deus. Os calvinistas invariavelmente clamam que os não calvinistas não acreditam na soberania de Deus. Não posso falar pelos outros, mas este não-calvinista certamente acredita na soberania de Deus. Deus é Deus e Ele pode fazer o que quiser, quando quiser. Como disse alguém, 'o que quer que a Bíblia diga, eu acredito. A Bíblia diz que uma baleia engoliu Jonas e eu o creio. E se a Bíblia dissesse que Jonas engoliu a baleia, eu acreditaria!' Se a Bíblia ensinasse que a soberania de Deus seleciona alguns pecadores para irem para o paraíso e Sua soberania elegeu o resto para o inferno, e que Ele escolheu apenas alguns para serem salvos e permite que o resto seja destruído, eu o creia, porque acredito que Deus é Deus e o homem não pode dizer a Deus o que é certo ou errado.

O fato é que cada vez que estudo o calvinismo, me convenço que ele simplesmente contradiz muitas Escrituras, pois é construído mais sobre a lógica e filosofia humanas que sobre o claro ensinamento da Palavra de Deus. O que quer que signifique a eleição divina (e esta é certamente uma doutrina importante e frequentemente ensinada na Palavra de Deus), não pode significar aquilo que o calvinismo conclui [pela sua lógica e raciocínio], pois aceitar tal posição requer que alguém coe [adote] mosquitos e engula [destrua] camelos. Os mosquitos são os argumentos e raciocínio extraescriturais dos calvinistas e os camelos são as Escrituras entendidas claramente por seu contexto.

Considere alguns mosquitos que os calvinistas coam [adotam]. Os calvinistas deduzem [lógica humana, sem provas bíblicas] que, se Deus é soberano, então os homens não podem ter vontade e não podem resistir a Ele. Os calvinistas deduzem [lógica humana, sem provas bíblicas] que, se o pecador está morto, então ele obviamente não pode responder ao evangelho; e, se ele não pode responder ao evangelho e se a própria fé é um dom soberanamente entregue (baseado na errada exegese de Ef. 2:8-9), então os eleitos devem nascer de novo antes de poder exercer a fé.

Os calvinistas deduzem [lógica humana, sem provas bíblicas] que, já que Deus opera todas as coisas pela Sua própria vontade, então se Ele realmente quisesse que todos os homens fossem salvos, Ele salvaria todos os homens.

Os calvinistas argumentam [lógica humana, sem provas bíblicas] que, já que Deus predestinou alguns à eterna salvação, então Ele deve ter predestinado outros à eterna danação. Em cada um desses casos, o calvinista aplica a lógica humana ao fato, ao invés de [citar] uma afirmação clara das Escrituras; e as Escrituras que ele usa para apoiar sua doutrina não diz tal coisa. Assim, ele coa [adota] mosquitos

enquanto engole [destrói] centenas de afirmações claras das Escrituras que demolem sua doutrina.” (Em: <<http://www.solascriptura-tt.org/>>. Acesso em 05 junho 2014)

## CONCLUSÃO

Norman Geisler conclui o seu livro com a seguinte ponderação e assertiva dos fatos:

“A Graça de Deus opera sinergicamente com o livre-arbítrio. Isto é, a Graça deve ser recebida para ser eficaz. Não há quaisquer condições para que a Graça seja dada, mas há uma condição para que ela seja recebida — a fé. Em outras palavras, a Graça justificadora de Deus trabalha cooperativamente, não operativamente. A fé é pré-condição para se receber o dom da salvação. A fé logicamente é anterior à regeneração, visto que somos salvos ‘por meio da fé’ (Ef. 2.8,9) e ‘justificados pela fé’ (Rm. 5.1). Uma conclusão oportuna para este breve estudo da resposta necessária de fé da parte do ser humano é ler as palavras dinâmicas de Apocalipse 22.17. Aqui, o apóstolo João claramente estende o convite gracioso de Deus a todos: ‘O Espírito e a noiva dizem: Vem! E todo aquele que ouvir diga: Vem! Quem tiver sede, venha; e quem quiser, beba de graça da água da vida.’” (Norman Geisler, *Eleitos, mas livres*. 2001- p. 276).

O escritor David Cloud faz o seguinte arremate sobre o ensinamento calvinista:

“Meus amigos, não engulam [destruam] esses grandes camelos da Palavra de Deus. As Escrituras não estão aí para serem engolidas [destruídas] ou forçadas dentro de um molde teológico preconcebido, mas [as Escrituras estão aí] para serem aceitas e cridas. O que quer que signifique a divina eleição (e ela é certamente uma doutrina importante e frequentemente ensinada da Palavra de Deus), ela não pode significar aquilo que o calvinismo conclui [por raciocínio humano], pois aceitar essa posição requer que se coem [adotem] as [pequenas] moscas e se engulam [destruam] os [grandes] camelos, e Jesus forçosamente condenou essa prática.” (Em: <<http://www.solascriptura-tt.org/>>. Acesso em 04 junho 2014)

Roger Olson explica, na conclusão do seu livro, o seguinte:

“EM TODAS AS ÉPOCAS, mas principalmente na época em que vivemos, certos calvinistas reconheceram os problemas que sua visão da soberania de Deus apresenta para a reputação de Deus e ofereceram soluções que supostamente abrandam a situação de Deus ser o autor do pecado e do mal. Em outras palavras, estas são tentativas de resgatar a bondade de Deus à luz da preordenação divina absoluta e o fato de Deus tornar certo todas as coisas, até seus mínimos detalhes, mas, principalmente, as decisões e ações más das pessoas. Se Deus é absolutamente soberano sobre tudo, sem autolimitação que visa o livre-arbítrio das criaturas (habilidade de fazer o contrário, incluindo a habilidade de frustrar a vontade de Deus), como é que Deus não é o autor do pecado e do mal? E como é que as criaturas são responsáveis pelo mal e não Deus?

[...]

Não importa o quanto o calvinista insistentemente assegure o contrário [...] {o calvinismo} ainda faz de Deus o autor do pecado e do mal. Ainda que ele pudesse nos explicar como, de alguma forma e em um sentido

puramente legal, Deus não era responsável pelo pecado real e que Adão fosse o único responsável pelo pecado (que eu duvido que seja possível), ainda haveria o problema da intenção de Deus em tornar o pecado certo. Por que um Deus bom, um Deus de amor perfeito iria querer tornar o pecado certo mesmo de uma maneira indireta (mas manipulativa)? A explicação que a intenção de Deus em tornar o pecado certo é boa simplesmente, não é convincente pelas razões já explicadas, principalmente quando o sofrimento eterno no inferno espera aqueles a quem Deus manipulou para que pecassem. Em suma, muitas das defesas padrões do calvinismo, quando colocadas seriamente à prova, revelam uma confiança chocante em noções da soberania de Deus que O tornam o autor final do pecado e do mal. Apesar de suas intenções, eles não são bem sucedidos em isentar a Deus, por assim dizer, do mal. Ou seja, eles não resgatam a reputação de Deus dos efeitos corrosivos do determinismo divino.” (Roger Olson, *Contra o Calvinismo*, 2013, p.263)

Tenho um grande apreço pelos irmãos Reformados, embora considere o calvinismo um marcante erro teológico, inventado no século XVI por João Calvino. Agora, a verdade não pode ser suprimida, por causa de vínculos de comunhão. A querela democrática tem que ser incentivada dentro da academia teológica, pois é através disso é que vem a luz e o amadurecimento. A intenção desta singela obra é que todos possam lê-la de mente aberta. Que a igreja esteja continuamente disposta a se reformar sempre e se aprimorar cada dia mais em sua teodiceia cristológica. Que possamos voltar ao primeiro amor e à doutrina apostólica em toda a sua pureza. Que o fatalismo, que um dia contaminou as religiões greco-romanas, não seja o rumo das nossas vidas de cristãos nos tempos atuais. Esse é o meu mais profundo desejo com este trabalho.

## APÊNDICE 1:

Segue abaixo uma breve explicação do texto de Romanos 9. Penso que ela se faz necessária, pois este é o ponto nefrágico de onde os fatalistas tiram a doutrina da dupla predestinação do homem. Ensino que afeta diretamente a moral divina.

O texto é claro, e Laurence Vance explica de maneira sucinta e objetiva os fatos que cercavam a mente do apóstolo ao escrever a epístola.

### Apêndice: Romanos 9

Romanos 9 é o primeiro capítulo em uma mais ampla seção parentética do Livro de Romanos. Enquanto Romanos 1-8 lida com questões doutrinárias, e Romanos 12-16 com questões práticas, Romanos 9-11 é um parêntese onde é revelado o plano presente de Deus em sua relação com a nação de Israel. Por causa de sua importância, Romanos 9-11, e até mesmo Romanos 9, tem sido assunto de muitos livros de diferentes perspectivas.**[49]** Romanos 9-11 é um parêntese onde o judeu é considerado nacionalmente, ambos sozinho (Rm 9.1-5; 10.1-3; 11.1-10) como em contraste com os gentios (Rm 9.30, 31; 10.12; 11.11, 12). Visto que Romanos 9-11 contém passagens que especificamente dizem respeito a Israel, é de se esperar que, geralmente, os calvinistas irão interpretar mal estas passagens mais do que quaisquer outras. Prova disto será encontrada nas numerosas ocasiões por todo este livro. Mas não apenas a Bíblia será rejeitada, os calvinistas também irão invalidar as interpretações de seus companheiros calvinistas o tempo todo.

Que Israel era uma nação eleita não resta dúvida (Dt 7.6, 7; 1Re 3.8; Sl 135.4; Is 45.4). Todavia, Israel era ignorante da “justiça de Deus” (Rm 10.3). Eles eram “um povo rebelde e contradizente” (Rm 10.21), com o resultado que “a ira de Deus caiu sobre eles até ao fim” (1Ts 2.16). O problema então é este: Como Deus poderia rejeitar aqueles que ele tinha escolhido (Rm 11.1)? E, como consequência, o que dizer da fidelidade de Deus e sua palavra? Isto de imediato vai contra a Eleição Incondicional. E não apenas isto, mas a aflição por todos estes capítulos que Paulo mantinha pela salvação do povo judeu como um todo (Rm 9.1-3; 10.1-3; 11.12-14) também abafa a idéia da eleição e reprovação de todos os membros da raça humana. E como em breve veremos, a reprovação de indivíduos não está nem remotamente ligada aos três “pilares da reprovação” que os calvinistas nos dão em Romanos 9: “Amei a Jacó, e odiei a Esaú” (Rm 9.13), “endurece a quem quer” (Rm 9.18), “vasos da ira, preparados para a perdição” (Rm 9.22).

A primeira passagem diz respeito a Jacó e Esaú:

E não somente esta, mas também Rebeca, quando concebeu de um, de Isaque, nosso pai; porque, não tendo eles ainda nascido, nem tendo feito bem ou mal (para que o propósito de Deus, segundo a eleição, ficasse firme, não por causa das obras, mas por aquele que chama), foi-lhe dito a ela: O maior servirá o menor. Como está escrito: Amei a Jacó, e odiei a Esaú (Rm 9.10-13).

Esta história familiar foi até assunto de uma peça do século dezesseis intitulada *A mery and wittie Comedie or Enterlude, newly imprinted, treating upon the Histories of Iacob and Esau, taken out of the xxij. Chap. Of the booke of Moses entituled Genesis.***[50]** E o que os calvinistas têm a dizer sobre Jacó e Esaú?

A eleição incondicional de Romanos 9.11 é tão evidente que uma leitura apressada nos força a aceitá-la.**[51]**



Concluimos, portanto, que a predestinação de Jacó e Esaú é uma eleição e reprovação pessoal para salvação e eterna miséria, respectivamente. **[52]**

Quanta instrução estas palavras ‘O maior servirá o menor’ contêm, quando colocadas na seqüência em que são citadas! Elas praticamente ensinam as grandes doutrinas fundamentais da Presciência, Providência, Soberania de Deus; Sua Predestinação, Eleição e Reprovação. **[53]**

O que os calvinistas “praticamente” têm feito é inserir a frase “amei a Jacó, e odiei a Esaú” antes de “não tendo eles ainda nascido” para obter uma eleição ou reprovação individual, eterno, do tipo TULIP. John Piper simplesmente diz que Jacó e Esaú “foram apontados para seus referidos destinos antes de nascerem.” **[54]** De acordo com Charles Cosgrove: “Deus ama Jacó e odeia Esaú antes de nascerem.” **[55]** Para reforçar estas interpretações particulares, Herman Hoeksema, sob pretexto de parafrasear uma simples frase de sete palavras, adiciona à palavra de Deus e diz: “Jacó eu eternamente aceitei em amor; Esaú eu eternamente rejeitei como um objeto de Meu soberano ódio.” **[56]**

O “e não somente esta” do versículo 10 nos leva de volta a um contexto anterior:

Não que a palavra de Deus haja faltado, porque nem todos os que são de Israel são israelitas; nem por serem descendência de Abraão são todos filhos; mas: Em Isaque será chamada a tua descendência. Isto é, não são os filhos da carne que são filhos de Deus, mas os filhos da promessa são contados como descendência. Porque a palavra da promessa é esta: Por este tempo virei, e Sara terá um filho (Rm 9.6-9).

Os versículos dez a treze são uma continuação do versículo nove, mostrando que a semente de Abraão devia ser chamada em Jacó, como em Isaque. Podia ser argumentado do versículo oito que Isaque foi escolhido porque Ismael nasceu de uma serva, então Paulo antecipa o que poderia ser sugerido pelos judeus em oposição ao primeiro tipo. Seu argumento que havia um Israel dentro de Israel (Rm 9.6) é ilustrado pelos descendentes de Isaque e Jacó sendo considerados como os filhos da promessa da aliança com a exclusão de todos os outros descendentes de Abraão. Deus fez as mesmas promessas a respeito de “sua semente” e a terra de Abraão (Gn 17.7, 8), Isaque (Gn 26.3, 4) e Jacó (Gn 35.11, 12). O “o propósito de Deus, segundo a eleição” (Rm 9.11) não tinha absolutamente nada a ver com a salvação ou reprovação individual. Dizia respeito à linha messiânica de Abraão-Isaque-Jacó-Jesus Cristo. Como L. S. Ballard corretamente verificou: “Afirmar que esta eleição era para salvação é absurdo, falso, e está tão distante da verdade como o céu do inferno, ou como o leste do oeste. Era uma eleição para preferência nacional ou privilégios teocráticos e não há nada semelhante a salvação nela.” **[57]**

Esta verdade é ainda mais aparente se examinarmos as menções do Velho Testamento às quais Paulo refere:

E os filhos lutavam dentro dela; então disse: Se assim é, por que sou eu assim? E foi perguntar ao SENHOR. E o SENHOR lhe disse: Duas nações há no teu ventre, e dois povos se dividirão das tuas entranhas, e um povo será mais forte do que o outro povo, e o maior servirá ao menor (Gn 25.22, 23).

Então, embora os meninos não haviam nascidos (Rm 9.11), nada aconteceu antes da fundação do mundo – eles estavam no ventre de Rebeca quando foi dito: “O maior servirá o menor” (Gn 25.23; Rm 9.12). A Escritura também nos contou que os indivíduos não estavam em discussão – as nações estavam: “duas nações,” “dois povos” (Gn 25.23). E não apenas o texto não diz “o maior será condenado e o menor será salvo,” Esaú como indivíduo nunca serviu Jacó;

exatamente o oposto aconteceu. Jacó se curvava a Esaú (Gn 33.3), chamava-o de senhor (Gn 33.8), afirmava ser seu servo (Gn 33.5), e solicitava que ele aceitasse presentes (Gn 33.11).

A outra passagem sob consideração foi escrita centenas de anos após:

Peso da palavra do SENHOR contra Israel, por intermédio de Malaquias. Eu vos tenho amado, diz o SENHOR. Mas vós dizeis: Em que nos tem amado? Não era Esaú irmão de Jacó? disse o SENHOR; todavia amei a Jacó, e odiei a Esaú; e fiz dos seus montes uma desolação, e dei a sua herança aos chacais do deserto (Ml 1.1-3).

Jacó e Esaú estavam mortos há séculos quando a afirmação foi feita: “Amei a Jacó, e odiei a Esaú” (Rm 9.13). Em Gênesis temos uma afirmação profética olhando para a frente e em Malaquias temos uma afirmação histórica olhando para trás. Após a morte de Jacó, o termo *Jacó* sempre tinha referência a Israel como nação, a menos que mencionado em relação a Abraão e Isaque ou ao recontar algum evento na vida da pessoa de Jacó. Até Calvino admite que é a posteridade de Jacó e Esaú que está em vista.<sup>[58]</sup> E como deixamos claro no começo de nosso estudo de Romanos 9, os calvinistas não conseguem concordar entre si mesmos quanto ao que é um exemplo de reprovação e o que não é. Berkouwer, junto com seu colega holandês, Herman Ridderbos (1910-1981), sustenta que Romanos 9 *não* apresenta a eleição e a reprovação de Jacó e Esaú como indivíduos, mas mostra o princípio que a eleição de Deus não é pelas obras e que o destino de Israel como um todo está em vista.<sup>[59]</sup>

Então, como o calvinista faz Rm 9.13 se referir à eleição e reprovação individual? A primeira manobra é admitir que as referências em Gênesis e Malaquias dizem respeito a Jacó e Esaú *nacionalmente* mas que Romanos 9 diz respeito a Jacó e Esaú *individualmente*. Então o calvinista usa dois argumentos para provar a eleição e a reprovação. John Murray concorda com a proposta “nacional” e então insiste: “Não podemos desprezar a importância da mensagem para os próprios indivíduos Jacó e Esaú. Por que houve esta diferenciação entre Israel e Edom? Porque existia diferença entre Jacó e Esaú. Seria tão insustentável desvincular os destinos dos respectivos povos da diferença existente entre os indivíduos, assim como seria insustentável fazer separação entre a diferença dos indivíduos e os destinos das nações que deles procederam.”<sup>[60]</sup> Mas, pelo raciocínio de Murray, se o estado espiritual dos descendentes de Jacó e Esaú estão sendo confrontados com eles, permitindo a eleição de Jacó e a reprovação de Esaú, todos os descendentes teriam que ser ou salvos ou perdidos respectivamente. Razões poderiam ser apresentadas para a posteridade de Esaú, mas e quanto a de Jacó? Datã, Coré e Abirão foram salvos ainda que Deus tenha aberto a terra e lançado-os no abismo (Nm 16.31-33)? Nadabe e Abiú foram salvos apesar de Deus enviar fogo do céu e consumi-los (Lv 10.1, 2)? Então, afirmar que Deus tratou a descendência de Jacó e Esaú como ele os tratou significaria que a salvação foi automática para os descendentes do primeiro e impossível de ser obtida para os descendentes do último.

A segunda, e mais popular alternativa, é afirmar que Jacó e Esaú não eram somente tipos de sua posteridade, mas de todos os homens. Haldane explica: “Em seu óbvio e literal significado, o que é dito de Jacó e Esaú deve ser verdadeiro de todos os indivíduos da raça humana antes de seu nascimento. Cada um deles deve ser ou amado ou odiado por Deus.”<sup>[61]</sup> A falácia deste argumento é dupla. Primeiro, admitindo que Jacó e Esaú foram soberanamente eleitos e reprovados respectivamente, como isso prova que todos os homens foram igualmente tratados? Dizer que está implícito e que ajusta logicamente ao sistema TULIP de forma alguma é ensinar doutrina bíblica. E, em segundo lugar, como já foi mostrado, Deus não odiou Esaú na eternidade passada. Diz-se que Ele o odiou *nacionalmente* após observar suas ações durante séculos.

O calvinista enfrenta também outro problema com sua interpretação amor-ódio eterno, pois diz-se de Jesus Cristo que ele amou o jovem rico que o rejeitou e “retirou-se triste; porque possuía muitas propriedades” (Mc 10.22). O ensino calvinista padrão, conforme afirmado por Owen, é que Deus “odiou os não-eleitos antes de seu nascimento.”**[62]** Agora, como vimos, há um elemento de verdade em toda heresia do Calvinismo. Pink está seguramente correto em dizer: “Tem sido costumeiro dizer que Deus ama o pecador, embora odeia seu pecado. Mas esta é uma distinção sem sentido. O que há em um pecador senão pecado?”**[63]** Isto é corroborado pela Escritura:

Deus é juiz justo, um Deus que se ira todos os dias (Sl 7.11).

O sacrifício dos ímpios já é abominação; quanto mais oferecendo-o com má intenção! (Pv 21.27).

Mas, porque este versículo vai contra a ideia de Pink que Deus eternamente odiou os não-eleitos, ele afirma que o jovem rico “era um dos eleitos de Deus, e foi ‘salvo’ algum tempo depois de sua conversa com nosso Senhor.”**[64]** Escritura? Ele não apresenta nenhuma.

A maior censura que os calvinistas já receberam sobre estes versículos de Romanos 9 que dizem respeito a Isaque, Ismael, Jacó e Esaú, não vem de um arminiano ou outro não-calvinista. Vem de um dos seus. Os extensos comentários do teólogo J. Oliver Buswell, um calvinista de cinco pontos, e ex-presidente do Wheaton College (1926-1940), não apenas porque são verdadeiros, mas completamente contrários à vasta maioria dos calvinistas, são aqui apresentados:

Há inúmeras referências à eleição na primeira parte do nono capítulo da epístola aos Romanos que parecem muito claramente indicar a eleição para a linha de descendência do Messias, antes que para a eterna salvação como tal. Quando lemos (v. 8), ... Paulo está referindo ao fato que a linha messiânica devia ser perpetuada em Isaque, não em Ismael. Mas certamente não devemos entender por isto que Ismael estava necessariamente entre os reprovados, no que diz respeito à salvação... A referência em Romanos 9 a Jacó e Esaú é similar.... Neste caso o comentário com que Paulo conclui a referência a Jacó e Esaú coincide com a opinião de que a “eleição” aqui em vista é uma eleição para a linha messiânica, e não uma eleição de um indivíduo para a vida eterna.... Na passagem de Malaquias da qual Paulo cita estas palavras, o profeta está claramente se referindo não ao indivíduo Esaú, mas ao povo de Edom que tinha sido um povo pecador e rebelde, posto que se permitia que fossem, de acordo com as promessas de Deus, considerados dentro da aliança de Deus com Israel. Não há nada no relato de Gênesis que indica que Esaú, quando Jacó retornou para sua terra natal, não era um sincero adorador.**[65]**

Nosso próximo interesse é a referência a Faraó – do qual Storms afirma: “Este episódio na Escritura figura em segundo lugar, abaixo apenas de ‘amei a Jacó, e odiei a Esaú,’ em termos de desaprovação no qual ele é considerado!”**[66]** A única desaprovação, entretanto, está nos olhos do cristão fiel à Bíblia que odeia ver a Escritura ser deturpada por um calvinista. A Bíblia diz de Faraó:

Porque diz a Escritura a Faraó: Para isto mesmo te levantei; para em ti mostrar o meu poder, e para que o meu nome seja anunciado em toda a terra. Logo, pois, compadece-se de quem quer, e endurece a quem quer (Rm 9.17, 18).

Herman Hoeksema insiste que “Faraó foi soberanamente odiado desde a eternidade, no mesmo tempo que foi Esaú.”**[67]** Mas, como admitimos sobre Esaú, suponhamos que Faraó foi “soberanamente odiado desde a eternidade.” Como isto prova a condenação de bilhões de outros

“reprovados”? Pink supõe que prova: “O caso de Faraó *estabelece* o princípio e ilustra a doutrina da Reprovação. Se Deus na verdade reprovou Faraó, podemos legitimamente concluir que Ele reprova todos os outros que Ele não predestinou para serem conformes à imagem de Seu Filho.”**[68]** Mas, por outro lado, se pode ser provado que Deus não reprovou Faraó, então podemos legitimamente concluir que Deus não reprova ninguém, pelo menos não de acordo com a concepção calvinista da reprovação, pois Deus “reprova” todos que ele *não* predestina para serem conformes à imagem de Seu Filho. Mas ninguém está predestinado a ser conforme a imagem de Cristo a não ser *depois* que é salvo. Consequentemente, todos os homens são “reprovados” a menos que aceitem Cristo – pela fé, não pela Eleição Incondicional e pela Graça Irresistível.

Que o propósito para o qual Faraó foi levantado e o subsequente endurecimento não tinha nada a ver com o destino eterno de Faraó é perfeitamente claro, tanto de acordo com a Bíblia como com os calvinistas. Diz-se de Faraó que ele foi levantado para mostrar o poder de Deus – não para ser condenado ao inferno por um decreto soberano e eterno. O propósito era que Deus poderia provar para Israel que ele era o Senhor que os libertou (Êx 6.6, 7; 10.1, 2; 13.14-16), para mostrar a Faraó que ele era o único Deus (Êx 9.14), para mostrar aos egípcios que ele era o Senhor (Êx 7.5; 14.4, 18), e que seu nome poderia ser declarado por toda a terra (Êx 9.16). Estes propósitos foram realizados por meio de Israel (Êx 14.31), Faraó e os egípcios (Êx 14.17, 18, 25), e por toda a terra (Js 2.10, 11; 1Sm 4.7, 8). Para uma declaração de um calvinista, nos voltamos para Berkouwer: “É claro que Paulo não quer dirigir nossa atenção para o destino individual de Faraó, mas que ele fala dele a fim de mostrar o seu lugar na história da salvação, e certamente não é permissível – como Calvino fez – tirar conclusões aqui a respeito do ‘exemplo’ de obstinação por causa do decreto eterno de Deus, e a respeito da rejeição dos ímpios.”**[69]**

Então há a questão de Deus endurecer Faraó. Já vimos casos similares na Bíblia onde se diz que Deus endurece indivíduos. Nenhum deles tinha algo a ver com a salvação ou qualquer decreto eterno, conforme visto pelo fato que Israel – a nação eleita – foi endurecida por Deus (Is 63.17). Portanto, é falacioso o raciocínio de Herman Hoeksema que, como Deus endurece o coração de Faraó para reprová-lo, da mesma forma “Deus endurece o coração de todos os ímpios.”**[70]** Deve primeiramente ser observado que, antes que Deus tocou Faraó, e antes que Moisés foi vê-lo, Deus em seu pré-conhecimento disse: “Eu sei, porém, que o rei do Egito não vos deixará ir, nem ainda por uma mão forte” (Êx 3.19). A razão por que Deus sabia disto é evidente do primeiro encontro que Moisés teve com Faraó:

E depois foram Moisés e Arão e disseram a Faraó: Assim diz o SENHOR Deus de Israel: Deixa ir o meu povo, para que me celebre uma festa no deserto. Mas Faraó disse: Quem é o SENHOR, cuja voz eu ouvirei, para deixar ir Israel? Não conheço o SENHOR, nem tampouco deixarei ir Israel (Êx 5.1, 2).

Um decreto eterno e soberano da reprovação não tinha nada a ver com isto.

Faraó pronunciou as mais trágicas palavras que alguém poderia dizer: “Não conheço o SENHOR.” Saber disto foi o que levou Deus a determinar endurecer Faraó (Êx 4.21; 7.3). Então se diz que Deus o endureceu (Êx 7.13; 9.12; 10.1, 20, 27; 14.8). Mas também se diz que Faraó endureceu o seu próprio coração (Êx 8.15, 32; 9.34). E duas vezes é dito que o coração de Faraó foi endurecido, não sendo mencionado o agente (Êx 7.22; 9.35). Em seu zelo para enviar Faraó para o inferno, Storms alega que quando Faraó endureceu seu coração e não nos é informado o autor do endurecimento, foi Deus quem verdadeiramente endureceu. **[71]** Mas há várias coisas a notar sobre este endurecimento. Em primeiro lugar, foi sempre em referência a deixar Israel ir, não crer ou obedecer ao que Deus disse em referência à salvação (Êx 4.21; 7.3, 4; 10.1, 20, 27; 14.8). Em segundo lugar, se o decreto da reprovação era eterno, o que Deus estava fazendo

endurecendo o coração de Faraó no tempo e em várias ocasiões se ele já foi predestinado ao inferno? Ele estava fazendo mais firme sua reprovação e condenação? Talvez o maior erro diz respeito à natureza do endurecimento em geral. Quando um tijolo, um pedaço de barro, um cubo de gelo, ou um selador de junta de vedação é endurecido – ele já assumiu seu formato final. O endurecimento o *endurece*, não o forma. E observe o que nos conta o calvinista John Murray: “O endurecimento de Faraó, não esqueçamos, reveste-se de caráter judicial. Pressupõe a entrega ao mal e, no caso de Faraó, particularmente à entrega ao mal de seu auto-endurecimento.”<sup>[72]</sup>

Houve certa divergência no lado calvinista a respeito de Jacó e Esaú. O assunto Faraó produziu ainda mais divisão. Mas após exame do último baluarte da reprovação em Romanos 9, a maioria dos calvinistas tem abandonado o navio:

Mas, ó homem, quem és tu, que a Deus replicas? Porventura a coisa formada dirá ao que a formou: Por que me fizeste assim? Ou não tem o oleiro poder sobre o barro, para da mesma massa fazer um vaso para honra e outro para desonra? E que direis se Deus, querendo mostrar a sua ira, e dar a conhecer o seu poder, suportou com muita paciência os vasos da ira, preparados para a perdição; para que também desse a conhecer as riquezas da sua glória nos vasos de misericórdia, que para glória já dantes preparou, os quais somos nós, a quem também chamou, não só dentre os judeus, mas também dentre os gentios? (Rm 9.20-24).

Embora haja muitos desertores, ainda há um restante segundo a eleição do Calvinismo. De acordo com Herman Hoeksema, porque o oleiro tem poder sobre o barro, isto prova “a absoluta soberania de Deus para determinar o destino final dos homens, seja para honra ou desonra, para salvação e glória ou para condenação e destruição.”<sup>[73]</sup> Entretanto, enquanto Hoeksema insiste que o barro não é a humanidade caída,<sup>[74]</sup> outros calvinistas sustentam que é.<sup>[75]</sup> Os calvinistas continuamente referem-se aos “vasos da ira, preparados para a perdição” como os reprovados.<sup>[76]</sup> A respeito destes “vasos da ira,” Pink simplesmente diz: “Ele prepara os não-eleitos para destruição por Seus decretos da preordenação.”<sup>[77]</sup>

O oleiro e o barro era uma ilustração comum no Velho Testamento (Is 29.16; 45.9; 64.8; Jr 18.1-6). Nunca ela é uma referência à salvação de alguém. Diz-se de Israel ser o barro (Is 64.8; Jr 18.6). O barro é formado, não criado. Não havia barro antes da fundação do mundo, e nem se diz de alguém que é moldado ou preparado antes da fundação do mundo. E embora seja dito dos “vasos de misericórdia” que eles foram “para glória já dantes” preparados por Deus, nenhum agente é citado no caso dos que estavam “preparados para a perdição.” Vasos são feitos vazios, e trazem honra ou desonra (2Tm 2.20) conforme o que é colocado neles. Deus não *cria* ninguém honroso ou desonroso. Então, embora Cosgrove afirma que “enquanto explica a justiça de Deus em relação a Israel, Paulo afirma uma doutrina da dupla predestinação,”<sup>[78]</sup> é somente isolando esta passagem do restante de Romanos 9-11 e deduzindo a eleição e reprovação dela que a interpretação calvinista parece plausível.

As diversas interpretações dos comentaristas sobre esta passagem são irrelevantes por duas razões. A primeira é que tudo depende de como alguém interpreta Romanos 9 como um todo. Isto pode ser visto no comentário de Piper:

É claro, portanto, que em 9.21 Paulo ainda tem em mente a questão da eleição incondicional levantada em 9.6-13. Àqueles que não foram convencidos que Paulo estava preocupado com a predestinação de indivíduos para salvação e perdição em 9.6-13, esta observação não irá reforçar o caso para que vejam a predestinação de indivíduos em 9.21.<sup>[79]</sup>

Piper também apela às “claras e vigorosas afirmações da dupla predestinação em Romanos 9” como prova de que Deus preparou os homens para destruição antes da fundação do mundo em Rm 9.22.**[80]** John Murray faz a mesma coisa, mas apela a Romanos 8: “Nos versículos 22 e 23, embora não exista nas expressões ‘preparados para a perdição’ e ‘para a glória preparou de antemão’ qualquer alusão direta ao decreto da parte de Deus, não é possível dissociar o versículo 24 da passagem anterior, onde figura a chamada em relação à predestinação (Rm 8.28-30).”**[81]** Então, ainda que a passagem em questão, em e de si mesma, não ensina a eleição e a reprobção, os calvinistas veem estas doutrinas de qualquer maneira, porque eles deduzem sua ideia da predestinação que eles a percebem em outro lugar. Mas não poderia tão facilmente ser dito que porque a Eleição Incondicional não é encontrada em outro lugar que ela não é uma opção aqui?

O que, em segundo lugar, torna as interpretações destes versículos irrelevantes é que são os próprios calvinistas que invalidam as interpretações de alguns de seus mais radicais “irmãos.” A humanidade é uma massa de barro que Deus molda para o céu ou para o inferno? Os calvinistas John Murray e Charles Hodge respondem:

Não existe qualquer base para a interpretação de que Paulo tenha apresentado Deus como quem reputa a humanidade como a argila e que trata os homens de acordo com isso. O apóstolo estava utilizando uma analogia, e o significado é simplesmente que, na esfera de seu governo, Deus tem o intrínseco direito de tratar os homens de modo semelhante ao oleiro no âmbito de sua ocupação, ao manusear o barro.**[82]**

Na soberania aqui afirmada, é Deus como governador moral, e não Deus como criador, que é trazido à tona. Não é o direito de Deus de criar pecadores a fim de puni-los, mas seu direito de lidar com os pecadores conforme lhe apraz, que é aqui e em outro lugar afirmado.**[83]**

Acerca dos “vasos da ira,” eles foram incondicionalmente “preparados para a perdição” antes da fundação do mundo? Calvino achava que sim, mas e quanto aos seus seguidores?

Deve ser dito, entretanto, que muitos não mais concordam com a exegese de Calvino sobre esta passagem, não porque querem minimizar a soberania de Deus, mas porque reconhecem que as palavras de Deus não podem legitimamente ter esta interpretação.**[84]**

O pensamento central é que a perdição imposta aos vasos da ira é algo para o que sua anterior condição os torna adequados. Há uma correspondência exata entre o que foram na vida presente e a perdição à qual serão consignados.**[85]**

Isto, entretanto, não deve ser entendido num sentido supralapsário. Deus não cria os homens a fim de destruí-los.**[86]**

Os “vasos da ira” são os indivíduos “reprovados” membros da raça humana? Mais uma vez, os calvinistas responderão por nós:

No versículo precedente, Paulo tinha declarado que Deus exercia muita longanimidade com os *vasos da ira* – aquela parte de Israel que não era de Israel.**[87]**

Outrossim, o apóstolo tem em vista a incredulidade de Israel e a longanimidade com que Deus tolera esta incredulidade.**[88]**

Deve ser que Paulo se refere aqui a Israel. Assim como Deus queria revelar Sua ira contra Faraó, da mesma forma também com Israel, mas simultaneamente e através disso, Ele mostra Sua majestade e glória. Novamente, esta não é uma análise independente do destino dos homens individualmente; mostra, antes, os atos do Deus que elege através do curso da história.<sup>[89]</sup>

Compreender esta passagem de Romanos 9 senão em um sentido supralapsário destrói todo o sistema TULIP. É por isso que há tantos desertores da posição de Calvino. Como em toda parte em Romanos 9, a nação de Israel está em vista. Conforme os próprios calvinistas, os “vasos da ira” são os judeus incrédulos – não os “reprovados” assim decretados desde antes da fundação do mundo. O que é dito sobre Faraó e Deus mostrando seu poder é transferido para o Israel incrédulo. Os “vasos da ira” foram “preparados para a perdição” porque eles “tropeçaram na pedra de tropeço” (Rm 9.32), eram culpados do sangue de Cristo (Mt 27.25) e inimigos do Evangelho (Rm 11.28). Mas assim como a Israel foi mostrado misericórdia no caso de Faraó (Rm 9.15-18), não obstante tornaram-se “vasos da ira” na passagem sob consideração, da mesma forma os judeus individualmente que rejeitaram Cristo podiam tornar-se “vasos de misericórdia” se aceitassem Cristo (1Tm 1.13, 16), pois foram perdoados por ele (Lc 23.34). E muito embora todos os calvinistas fariam de Faraó um vaso “para desonra,” somos informados em Êxodo que o Senhor disse: “Eu serei glorificado em Faraó” (Êx 14.17). Finalmente, por meio de aplicação, todos os homens são “vasos da ira” (Ef 2.3), mas Deus terá misericórdia sobre qualquer um que recebe Jesus Cristo (Rm 11.30, 31; 1Pe 2.10). A falácia por trás de todas as interpretações calvinistas em Romanos 9 está em deduzir a eleição e a reprovação soberana dos argumentos de Paulo sobre a questão de Israel.

---

[49] Herman Hoeksema, *God's Eternal Good Pleasure*, ed. e rev. Homer C. Hoeksema (Grand Rapids: Reformed Free Publishing Association, 1979); Charles H. Cosgrove, *Elusive Israel: The Puzzle of Election in Romans* (Louisville: Westminster John Knox Press, 1997); Stephen Motyer, *Israel in the Plan of God* (Leicester: Inter-Varsity Press, 1989); H. L. Ellison, *The Mystery of Israel*, ed. rev. e ampl. (Devon: The Paternoster Press, 1968); John Piper, *The Justification of God*, 2a. ed. (Grand Rapids: Baker Books, 1993); Best, Romans 9.

[50] Helen Thomas, “Jacob and Esau – ‘rigidly Calvinistic’?” *Studies in English Literature 1500-1900* 9 (Primavera de 1969), p. 200.

[51] Johns, p. 7.

[52] Herman Hoeksema, *Good Pleasure*, p. 24.

[53] Haldane, p. 462.

[54] Piper, *Justification*, pp. 203-204.

[55] Cosgrove, p. 28.

[56] Herman Hoeksema, *Good Pleasure*, p. 19.

[57] Ballard, p. 15.

[58] Calvino, *Institutes*, p. 930 (III.xxi.7).

[59] Baker, p. 153; Berkouwer, p. 71.

[60] John Murray, *Romanos*, 1ª edição (São José dos Campos: Editora Fiel, 2003), p. 383.

[61] Haldane, p. 465.

[62] Owen, p. 227.

[63] Pink, *Sovereignty*, p. 200.

[64] *Ibid.*, p. 201.

[65] Buswell, vol. 2, p. 149.

[66] Storms, *Chosen for Life*, p. 87.

[67] Herman Hoeksema, *Good Pleasure*, p. 46.

[68] Pink, *Sovereignty*, p. 90.

[69] Berkouwer, pp. 212-213.

- [70] Herman Hoeksema, *Good Pleasure*, p. 46.
- [71] Storms, *Chosen for Life*, p. 88.
- [72] John Murray, *Romanos*, 1ª edição (São José dos Campos: Editora Fiel, 2003), p. 391.
- [73] Herman Hoeksema, *Good Pleasure*, p. 60.
- [74] *Ibid.*, p. 63.
- [75] Charles Hodge, *Romans*, p. 319; Pink, *Sovereignty*, p. 97.
- [76] Patrick H. Mell, *A Southern Baptist Looks at Predestination* (Cape Coral: Christian Gospel Foundation, n.d.), p. 31; Best, *Romans 9*, pp. 193-198.
- [77] Pink, *Sovereignty*, p. 96.
- [78] Cosgrove, p. 27.
- [79] Piper, *Justification*, p. 204.
- [80] *Ibid.*, p. 212.
- [81] John Murray, *Romanos*, 1ª edição (São José dos Campos: Editora Fiel, 2003), p. 399.
- [82] John Murray, *Romanos*, 1ª edição (São José dos Campos: Editora Fiel, 2003), p. 394, 395.
- [83] Charles Hodge, *Romans*, p. 319.
- [84] Berkouwer, p. 214.
- [85] John Murray, *Romanos*, 1ª edição (São José dos Campos: Editora Fiel, 2003), p. 398.
- [86] Charles Hodge, *Romans*, p. 321.
- [87] Haldane, p. 493.
- [88] John Murray, *Romanos*, 1ª edição (São José dos Campos: Editora Fiel, 2003), p. 397.
- [89] Berkouwer, p. 214.

\* Extraído do livro “O Outro Lado do Calvinismo”, Laurence Vance



## APÊNDICE 2:

### A Bíblia e o livre arbítrio

A Bíblia deixa claro que nós podemos agir livremente, ao invés de sermos robôs programados apenas para seguir comandos de uma divindade no Céu. Pedro diz: *“Vivam como pessoas **livres**, mas não usem a liberdade como desculpa para fazer o mal”* (1ª Pedro 2.16). Para Pedro, o fato de que somos livres é indiscutível. O ponto em disputa é *o que fazemos com essa liberdade*. Somos livres, mas devemos usar essa liberdade para fazer o bem, e não o mal. Isso passa nitidamente a ideia de seres livres para optarem realmente pelo bem ou pelo mal, e não seres robotizados que apenas seguem uma direção determinista prévia, que não são livres e nem podem fazer uso dessa liberdade.

Ele também diz: *“Apascentai o rebanho de Deus, que está entre vós, tendo cuidado dele, não por força, mas **voluntariamente**; nem por torpe ganância, mas de ânimo pronto”* (1ª Pedro 5:2).

Voluntariamente é pela própria vontade. De forma livre, e não de forma forçada, como se uma força superior externa tivesse domínio sobre as pessoas de modo que elas não pudessem agir diferente da forma que agem. A palavra grega empregada por Pedro aqui é *hekousios*, que, de acordo com a Concordância de Strong, significa: *“voluntariamente, de boa vontade, de acordo consigo mesmo”*[1]. O apóstolo Paulo segue na mesma linha e diz: *“Mas não quis fazer nada sem a sua permissão, para que qualquer favor que você fizer seja espontâneo, e não forçado”* (Filemom 1.14)

O favor *“espontâneo”* é algo *livre*, ao invés de algo forçado ou coagido, seja por forças internas ou externas. A ideia é a mesma do texto de Pedro. Paulo ainda diz: *“Irmãos, vocês foram chamados para a liberdade. Mas não usem a liberdade para dar ocasião à vontade da carne; pelo contrário, sirvam uns aos outros mediante o amor”* (Gálatas 5.13). Mais uma vez, vemos que Paulo, assim como Pedro, não tinha qualquer hesitação em expor que somos *“livres”*. Isso não era um ponto de discussão, mas sim *o que fazemos* com essa liberdade. Podemos usar nossa liberdade para agradar a carne ou para agradar a Deus. O calvinista rígido não pode conceber nem um nem outro, pois crê que nós não somos, de fato, livres, para podermos agir de uma forma ou de outra por conta própria.

Outro conjunto de textos que nos indicam o livre-arbítrio são os que falam das ações feitas *“por iniciativa própria”*: *“**Por iniciativa própria** eles nos suplicaram insistentemente o privilégio de participar da assistência aos santos”* (2ª Coríntios 8.3-4). *“Pois Tito não apenas aceitou o nosso pedido, mas está indo até vocês, com muito entusiasmo e **por iniciativa própria**”* (2ª Coríntios 8.17).

Para os calvinistas, a iniciativa parte sempre de Deus, que é sempre a causa primeira das nossas ações, de modo que nossos atos são externamente determinados ao invés de autocausados. Paulo se opõe a este conceito ao dizer que os Macedônios e Tito tiveram ***iniciativa própria***, e não externa, em suas ações. Em outras palavras, a iniciativa partiu deles mesmos[2]. Da mesma forma, Paulo escreve em 2ª Coríntios 9.7: *“Cada um dê **conforme determinou em seu coração**, não com pesar ou por obrigação, pois Deus ama quem dá com alegria”* (2ª Coríntios 9.7). Como vemos, é a própria pessoa que determina em seu próprio coração (ou seja: atos autodeterminados), e não Deus que determina as ações do homem. A contribuição, para Paulo, não seria de acordo com aquilo que Deus determinou no coração de cada um, mas conforme aquilo que as próprias pessoas determinaram em seus próprios corações. Esta é a evidência bíblica mais forte de atos

autocausados, e, conseqüentemente, do livre-arbítrio. As pessoas determinam suas próprias ações, em seu próprio coração.

Outro grupo de versículos que provam o livre-arbítrio são os que denotam escolha. Como já vimos, é inconcebível a ideia de Deus nos dar opção de escolha quando ele já escolheu por nós. Isso seria uma opção falsa, para não dizer enganação. Deus estaria iludindo o homem para que este pensasse que podia mesmo escolher, quando não tinha a mínima capacidade disso. Em outras palavras, é como se Deus quisesse que pensemos que temos livre-arbítrio, quando não temos. Mas Deus não é Deus de confusão (1Co 14.33), nem é enganador. Ele não ilude ninguém e nem pode mentir (Tt 1.2). Se existem escolhas, o homem pode escolher livremente. Sendo assim, os calvinistas rígidos teriam que explicar textos como estes: *“Escolham hoje a quem irão servir”* (Josué 24.15). *“Se vocês obedecerem fielmente ao Senhor, ao seu Deus, e seguirem cuidadosamente todos os seus mandamentos que hoje lhes dou, o Senhor, o seu Deus, os colocará muito acima de todas as nações da terra (...) Entretanto, se vocês não obedecerem ao Senhor, ao seu Deus, e não seguirem cuidadosamente todos os seus mandamentos e decretos que hoje lhes dou, todas estas maldições cairão sobre vocês e os atingirão”* (Deuteronômio 28.1,15). *“Se você voltar, ó Israel, volte para mim”, diz o Senhor. ‘Se você afastar para longe de minha vista os seus ídolos detestáveis, e não se desviar, se você jurar pelo nome do Senhor, com fidelidade, justiça e retidão, então as nações serão por ele abençoadas e nele se gloriarão”* (Jeremias 4.1-2). *“Escolhi o caminho da fidelidade; decidi seguir as tuas ordenanças”* (Salmos 119.30). *“Os céus e a terra tomo hoje por testemunhas contra vós, de que te tenho proposto a vida e a morte, a bênção e a maldição; escolhe pois a vida, para que vivas, tu e a tua descendência”* (Deuteronômio 30.19). *“Assim diz o Senhor: ‘Estou lhe dando três opções de punição; escolha uma delas, e eu a executarei contra você”* (2ª Samuel 24.12)

Laurence Vance comenta: “Note o que mais a Bíblia diz sobre o livre-arbítrio: ‘Por mim se decreta que no meu reino todo aquele do povo de Israel, e dos seus sacerdotes e levitas, que quiser ir contigo a Jerusalém, vá’ (Es 7.13). Adão e Eva tinham livre-arbítrio (Gn 2.16). Durante o tempo dos juízes o povo ‘se ofereceu voluntariamente’ (Jz 5.2). Davi encorajou Salomão a servir a Deus ‘com uma alma voluntária’ (1Cr 28.9). Durante o tempo de Neemias, algumas pessoas ‘voluntariamente se ofereciam para habitar em Jerusalém’ (Ne 11.2). No Novo Testamento, vemos que as promessas da oração estão baseadas sobre o livre-arbítrio: ‘Se vós estiverdes em mim, e as minhas palavras estiverem em vós, pedireis tudo o que quiserdes, e vos será feito’ (Jo 15.7)”[3]

Outro caso que desperta a atenção é o de Caim. Deus aceitou a oferta de Abel e rejeitou a de Caim, porque este não deu das primícias, como seu irmão [4]. Então, a Bíblia diz: *“Por isso Caim se enfureceu e o seu rosto se transtornou. O Senhor disse a Caim: ‘Por que você está furioso? Por que se transtornou o seu rosto? Se você fizer o bem, não será aceito? Mas se não o fizer, saiba que o pecado o ameaça à porta; ele deseja conquistá-lo, mas você deve dominá-lo”* (Gênesis 4.6,7). Tudo isso nos passa vividamente a ideia de que Caim possuía livre-arbítrio. Ele não foi obrigado a pecar. Ele pecou porque ele quis. Deus não determinou o pecado de Caim, senão de modo nenhum teria dito que poderia fazer o bem e seria aceito. Mas se não havia qualquer possibilidade de Caim não pecar (pois Deus já havia determinado que ele pecaria), então Ele estava sendo sádico e falso com Caim, apresentando-lhe uma falsa possibilidade, a qual ele nunca poderia optar. Da mesma forma, Deus diz que o pecado (o desejo pelo pecado, a tentação) “está à porta”, mas que Caim teria que ter controle sobre esse desejo. Isso mostra, em primeiro lugar, que há a possibilidade de agir diferente do desejo mais forte, contra o que ensinava o calvinista J. Edwards [5]. Em segundo lugar, isso nos mostra mais uma vez que Caim tinha uma opção real. Ele, de fato, poderia ter dominado aquele desejo pecaminoso, e a única forma de ele dominá-lo é se

ele possuía livre-arbítrio para poder optar pelo bem ou pelo mal, pelo pecado ou pela santidade. Sem o livre-arbítrio, Caim não tinha escolha e nada neste texto faria sentido algum.

Outro texto que implica em livre-arbítrio é o de Gênesis 15.16, onde Deus diz: “*Na quarta geração, os seus descendentes voltarão para cá, porque a maldade dos amorreus ainda não atingiu a medida completa*”. Mesmo Deus sabendo (pela presciência) que os habitantes de Canaã não iriam se arrepender dos seus pecados, ainda assim ele esperou quatro gerações até que os pecados deles atingissem a medida completa. Se não existisse livre-arbítrio, dificilmente Deus teria que *esperar* pacientemente uma ação humana para depois tomar uma atitude. Ele teria simplesmente agido, já que o livre-arbítrio ou as atitudes humanas não influenciam em nada o decreto divino, segundo os calvinistas. Aqui Deus respeita o livre-arbítrio humano e lhes dá tempo para se arrependerem, mesmo sabendo que não iriam se arrepender.

Finalmente, há também aquelas passagens que dizem abertamente que o propósito ou vontade de Deus foi rejeitado pelos homens. Mateus 23.37 diz que Jesus queria ajuntar Jerusalém como a galinha ajunta seus pintinhos debaixo das suas asas, ***mas eles não quiseram***. Como consequência disso, a “casa” deles ficou deserta (Mt 23.38). Se não existe livre-arbítrio, então foi Deus que determinou a rejeição dos israelitas e Deus que determinou também que eles seriam punidos por causa da própria determinação dEle! Além disso, Jesus estaria sendo completamente insincero em dizer que Deus *muitas vezes* quis ajuntar Jerusalém para si, quando, na verdade, o que Deus havia feito mesmo foi decretar o *contrário*, de forma imutável e incondicional. Sem o livre-arbítrio, este texto é totalmente sem sentido.

Outro texto semelhante é o de Lucas 7.30, que diz: “*Mas os fariseus e os peritos na lei rejeitaram o propósito de Deus para eles, não sendo batizados por João*” (Lucas 7.30). Deus tinha um propósito da vida de cada um dos fariseus, mas eles *rejeitaram* este plano de Deus para eles. Se o livre-arbítrio não existe, então Jesus mentiu quando disse que o propósito de Deus para eles era que eles fossem batizados por João, quando, na verdade, já havia determinado exatamente o contrário. Ou Deus tem dois planos contraditórios e conflitantes entre si, dizendo uma coisa e fazendo o contrário, ou os fariseus realmente, por seu próprio livre-arbítrio, se opuseram e resistiram ao plano individual de Deus para a vida deles. Aqui é valioso o comentário de Clark Pinnock, que disse: “Jesus deixou claríssimo que os fariseus ‘rejeitaram, quanto a si mesmos, o desígnio de Deus’ (Luc. 7.30). Não estavam numa posição em que poderiam impedir’ a consecução da vontade de Deus para o mundo todo, mas podiam rejeitá-la totalmente, para si mesmos”[6].

Ainda que ninguém possa resistir ao plano *geral* de Deus para toda a humanidade (por exemplo, ninguém pode impedir a volta de Jesus, da mesma forma que ninguém poderia impedir o nascimento dele), as pessoas podem resistir e se opor ao plano *individual* de Deus na vida delas. É por isso que pessoas se perdem e caminham para a morte eterna. Não é porque Deus, de forma negligente e tirânica, não tinha nenhum propósito para a vida delas a não ser a morte, mas sim porque elas, *deliberadamente e por seu próprio livre-arbítrio*, rejeitaram o plano de redenção que era o propósito de Deus para elas.

-----

[1] Concordância de Strong, 1596.

[2] É verdade que em alguns casos a iniciativa parte de Deus, e não do homem, como quando em certa ocasião Paulo diz que “***Deus pôs*** no coração de Tito o mesmo cuidado que tenho por vocês” (2Co.8:16). Em resposta a isso, é necessário reafirmar que nenhum arminiano indeterminista crê

que a iniciativa parte *sempre* do ser humano. Nem *todos* os atos são autocausados, mas *muitos* atos o são. Arminianos não negam que certas coisas são externamente determinadas. Em segundo lugar, quando o texto diz que “Deus pôs”, se refere à *vontade*, que, à luz da Bíblia, trata-se de uma oferta que pode ser aceita ou rejeitada livremente pelo ser humano, e não uma *vontade irresistível* (cf. Lc.7:30; Mt.23:37). Assim sendo, mesmo nas vezes em que Deus coloca uma vontade no coração do homem, ao invés da vontade humana ser autocausada, isso não implica em um *ato* autocausado, a não ser que o texto diga que Deus não apenas colocou a vontade, mas também a colocou de modo irresistível. Iremos estudar mais sobre isso no tópico que trataremos sobre o pensamento compatibilista de Jonathan Edwards.

[3] VANCE, Laurence M. *O outro lado do calvinismo*.

[4] As primícias eram os “primeiros frutos”, os mais importantes. O verso 4 diz que Abel ofereceu “as partes gordas das *primeiras* crias do seu rebanho”, ou seja, aquilo que ele tinha de melhor. Caim, por sua vez, apenas “trouxe do fruto da terra *uma* oferta ao Senhor”, não a mais importante, mas uma qualquer. É por isso que Deus aceitou a oferta de Abel, que colocou Deus em primeiro lugar, e rejeitou a de Caim, que colocou Deus em segundo plano.

[5] Iremos abordar o determinismo moderado de Edwards alguns tópicos adiante.

[6] PINNOCK, Clark H. *Predestinação e Livre-Arbitrio: Quatro perspectivas sobre a soberania de Deus e a liberdade humana*. Editora Mundo Cristão: 1989, p. 78.

Fonte da pesquisa: - “Calvinismo X Arminianismo” cedido pela comunidade Arminiana do facebook.

## GLOSSÁRIO

**Armínio:** (1560 – 1609) foi um holandês que viveu a maior parte de sua vida em sua terra natal, Holanda. Como ele tinha apenas quatro anos de idade quando Calvino morreu em 1564, é claramente evidente que Calvino e Armínio nunca debateram a questão do Calvinismo como é comumente suposto. Armínio merece ser classificado como um teólogo holandês reformado ortodoxo. Ele foi treinado para o ministério em Leiden. Pastoreou em Amsterdã e depois treinou ministros em Leiden. Não conheceu nenhuma outra igreja senão a Igreja Reformada Holandesa.

**Arminianismo:** é uma escola de pensamento soteriológica, baseada nas pesquisas do holandês Jacó Armínio (1560 - 1609) e seus seguidores históricos, os Remonstrantes.

**Calvinismo:** é tanto um movimento religioso protestante quanto uma ideologia sociocultural com raízes na Reforma iniciada por João Calvino em Genebra no século XVI. Seria uma das escolas de interpretação que ressalta a doutrina da predestinação determinista.

**Cosmovisão:** Modo particular de perceber o mundo, geralmente, tendo em conta as relações humanas, buscando entender questões filosóficas (existência humana, vida após a morte etc.); concepção ou visão de mundo.

**Determinismo:** O Determinismo leva ao mecanicismo, segundo o qual o homem é previsível e controlável como uma máquina e, portanto, sem autodeterminação, sem liberdade.

**Estoicismo:** (do grego Στωικισμός) é uma escola de filosofia helenística fundada em Atenas por Zenão de Cítio no início do século III a.C. A ética estoica defende uma perspectiva determinista. Com relação àqueles que não têm a virtude estoica, Cleante uma vez opinou que o homem ímpio é "como um cão amarrado a uma carroça, obrigado a ir para onde ela vai".

**Expição:** é uma palavra que vem do Latim: *expiatione*. A palavra expiação encontra-se poucas vezes na Bíblia, mas o conceito da expiação constitui o assunto principal do Antigo e do Novo Testamento. Palavras mais conhecidas como reconciliação, propiciatório, sangue, remissão de pecados e perdão estão diretamente relacionadas com esse tema. A expiação aconteceu por intermédio de Jesus Cristo no Getsêmani, na cruz do calvário e terminou em sua ressurreição permitindo, assim, segundo a doutrina cristã, que todo aquele que crese fosse salvo, segundo o relato bíblico de João 3.16.

**Hipercalvinismo:** é a crença que superenfaziza a soberania de Deus e não enfatiza o suficiente a responsabilidade do homem na obra da salvação.

**João Calvino:** (1509 - 1564) foi um teólogo francês. Calvino teve uma influência muito grande durante a Reforma Protestante, uma influência que continua até hoje.

**John Wesley** (1703 - 1791) foi um clérigo anglicano e teólogo cristão britânico, líder precursor do movimento metodista e foi um dos dois maiores avivacionistas da Grã-Bretanha.

**Livre-arbítrio:** é o poder que cada indivíduo tem de escolher suas ações, que caminho quer seguir, mas nem sempre esse caminho pode ser benéfico.

**Monergismo:** afirma que a salvação emana totalmente de Deus, que salva os eleitos através de uma graça irresistível, independente da vontade ou escolha humana.

**Neocalvinismo:** é uma forma de calvinismo moderno e mais contemporizado com a evolução da mentalidade moderna. Seria uma adaptação do velho calvinismo de Genebra, mas com uma aparência mais palpável para nossos dias.

**Predestinação:** em teologia, é a doutrina de que Deus determina certos eventos de acordo com a sua vontade preestabelecida. Alguns acreditam que existem em Deus três vontades: A decretiva, a permissiva e a positiva.

**Pelagiano:** qualquer sistema em que o ser humano seja capaz de alcançar a salvação inteiramente por si mesmo sem a assistência divina, além da graça comum. Também negou o pecado original.

**Recalcitrante:** É aquele que desobedece, resiste. Teima e obstina-se contra algo. A bíblia fala que Paulo recalcitrava contra os aguilhões, ou seja, lutava com Cristo.

**Remonstrantes:** A Irmandade Remonstrante ou Igreja Remonstrante (em holandês Remonstrantse Broederschap) foi fundada em 1617, após a expulsão no Sínodo Dort de cerca de 45 ministros e teólogos dos Países Baixos que deram continuidade ao desenvolvimento da teologia de Armínio.

**Semipelagianismo:** qualquer sistema em que o processo de salvação seja iniciado pelo ser humano sem assistência da graça.

**Sinergismo:** qualquer sistema que afirme algum tipo de cooperação interativa divina e humana no processo da salvação. (Deus inicia o processo e o homem responde, ou não a Ele).

**Soteriologia:** é o estudo da salvação humana. A palavra é formada a partir de dois termos gregos σωτήριος [*Soterios*], que significa "salvação" e λόγος [*logos*], que significa "palavra", ou "princípio".

**TULIP:** Os Cinco Pontos do Calvinismo geralmente são apresentados sob o acrônimo TULIP.

**Wesleyanismo:** movimento religioso cristão, de princípios muito rígidos que se processou dentro da Igreja anglicana no século XVIII, liderado pelo teólogo inglês John Wesley

(1703-1791), wesleyanismo [Seus simpatizantes criaram a Igreja metodista, que é protestante e evangélica; sua teologia tem a Bíblia como regra da fé e de prática].